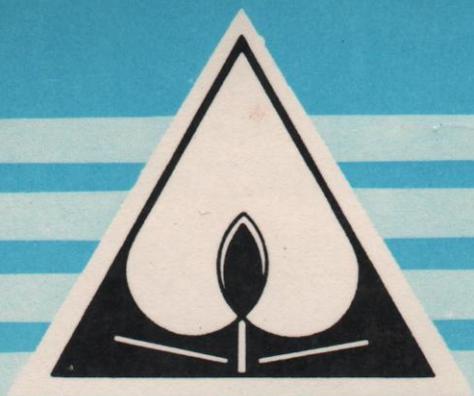


# EDUCAÇÃO ESPÍRITA



- Carta aberta aos Professores espíritas
- Bispos examinam a expansão do Espiritismo
- Por que não temos um movimento universitário?
- Senso e contra-senso: problema de educação



# EDUCAÇÃO ESPÍRITA

*Revista semestral de Educação e Pedagogia*  
(ÓRGÃO DO DEPARTAMENTO CULTURAL EDICEL)

EDITORA CULTURAL ESPÍRITA LTDA.

Rua Genebra, 122 — CEP 01316

Fone 36-2273, São Paulo, SP, Brasil

*Direção e Chefia de Redação*

J. HERCULANO PIRES

*Direção Administrativa*

FREDERICO GIANNINI JÚNIOR

*Secretaria de Redação*

MARIA DE LOURDES A. FERRAZ

*Direção Artística*

MERHY SEBA

*Revisão*

EQUIPE EDICEL

*Capa*

Hector Tortolano

---

ANO III — JULHO-DEZEMBRO DE 1973 — N.º 5

*116.º Aniversário do Livro dos Espíritos — 1857-1973.*

---

## ÍNDICE

O Natal e a Educação .....	1
Carta Aberta aos Professores Espíritas .....	6
O Estudante e a Pobreza .....	10
Objetivos da Supervisão Escolar .....	14
Educação e Filosofia de Vida .....	16

## EDITORIAIS:

Educação no Lar .....	20
Literatura Infantil .....	22
Escolas Espíritas .....	23
Jornalistas Espíritas .....	27
Escola Pitoresca .....	33
Com o Poeta das Crianças .....	35
A Educação do Espírito .....	38
A Igreja e o Sincretismo Religioso .....	42
Porque não temos um Movimento Universitário Espírita .....	58
Psicologia Espírita de Educação .....	68
Bom-senso e Contra-senso .....	76

## O NATAL E A EDUCAÇÃO

O que representa o Natal na Educação Espírita? Sabemos que nos primeiros tempos da Educação Cristã e durante todo o milênio medieval o Natal constituiu um dos elementos mais eficazes do processo educativo. O nascimento de Jesus, segundo os relatos evangélicos, cercado de lendas piedosas, excitava a imaginação das crianças e dos jovens, predispondo as novas gerações para um novo tipo de vida. As lendas mitológicas da Educação Pagã eram substituídas com grande vantagem pela trama lírica e piedosa do Natal. E ainda hoje, na Educação Cristã dada pelas igrejas — seja nos catecismos ou nas aulas de religião das escolas — é inegável a influência educativa do Natal.

Na Educação Leiga, que surgiu durante a Renascença e se consolidou nos tempos modernos, acabando por dominar o ensino contemporâneo, o Natal passou a ser apenas um motivo a mais para o descanso escolar de fim de ano. Excluídos da Educação os elementos religiosos, em virtude dos atritos antipedagógicos gerados pelo sectarismo e o fanatismo, a influência educativa do Natal foi simplesmente desprezada. O laicismo foi uma espécie de medida cirúrgica aplicada à Educação, para livrá-la da coação deformante das religiões dogmáticas.

Na Educação Espírita, como procuramos demonstrar no número de Natal desta revista, no ano passado, os elementos religiosos reaparecem com a interpretação racional dos seus aspectos lendários, oferecendo-nos uma verdadeira *didáxis*

do Natal, ou seja, transformando o Natal numa verdadeira aula de espiritualização. Temos assim um processo tipicamente dialético, através do qual vemos o Natal passar pelas alternativas da afirmação e da negação para atingir a síntese superior na Educação Espírita.

Bastaria este fato histórico, bem analisado em seus componentes ídeo-emocionais, para demonstrar o valor da nova educação que o Espiritismo propõe. Podemos dizer que o Natal ressuscita na Educação Espírita na plenitude da sua significação espiritual. Renasce em espírito e verdade, não mais no corpo formal do seu aparato lendário, mas no corpo espiritual do significado das lendas e dos símbolos que o embelezam.

As pesquisas históricas sobre as origens do Cristianismo, realizadas em plano universitário e portanto livres de influências sectárias, permitem-nos hoje encarar o Natal, numa perspectiva cultural espírita, sem os prejuízos do dogmatismo místico-religioso e sem o menosprezo do dogmatismo materialista oriundo do desenvolvimento científico. A Ciência Espírita e a Filosofia Espírita oferecem-nos os elementos que faltavam para encarmos o Natal na sua realidade histórica. Assim, a Pedagogia Espírita pode restabelecer a validade dos elementos educativos do Natal.

Muitos espíritas pensam, diante da exploração religiosa e da exploração comercial do Natal, que não devem realizar nenhuma celebração natalina em seu lar. Com isso, tiram da educação familiar um importante elemento de preparação educacional dos filhos. Eis um dos prejuízos resultantes da falta de uma educação espírita sistematizada e apoiada nos princípios esclarecedores da Pedagogia Espírita. As razões desses espíritas decorrem dos princípios da Educação Leiga e de uma atitude sectária tomada em oposição ao sectarismo religioso dominante.

A celebração do Natal em família, com a realização das reuniões para prece, com leitura inicial de um texto evangélico sobre o nascimento de Jesus, seguida de explicação espírita a respeito,

é de grande valor educativo. Essas reuniões ajudam as crianças a se integrarem no espírito do Natal, compreendendo através da razão e da emoção a importância do nascimento de Jesus na Terra. Além disso, marcam profundamente o espírito infantil com lembranças duradouras dos momentos espirituais vivido no lar, lembranças que despertarão em toda a sua vida as energias latentes do sentimento religioso, enriquecendo-lhes a existência.

Certos costumes, repelidos por alguns espíritas como inúteis ou prejudiciais, são, pelo contrário, bastante úteis e salutares. Por exemplo: armar em casa a Árvore de Natal, com seus enfeites simbólicos, ou até mesmo armar presépios com suas figuras tradicionais. A Árvore de Natal foi uma criação de Lutero e o Presépio uma criação de São Francisco de Assis, um dos espíritos mais elevados e puros que já viveram na Terra. Lutero foi, embora sem o saber, um precursor do Espiritismo, promovendo a reforma religiosa que muito contribuiria na preparação de condições para o advento do Consolador.

Tanto a árvore quanto o presépio devem ser armados com a ajuda das crianças. O trabalho para armá-los tem uma finalidade educativa bastante valiosa. É fazendo que aprendemos. O ato de fazer uma coisa nos liga mais intimamente a ela. As crianças participam mais fundamentamente das celebrações natalinas quando lhes permitimos ajudar nos seus preparativos, decorar e recitar poesias, fazer preces, arranjar presentes de Natal para levar a lares pobres da vizinhança ou coletas em benefício de instituições assistenciais espíritas que abrigam crianças órfãs.

Muitas famílias espíritas já fazem tudo isso ou algumas dessas coisas, enriquecendo com emoções positivas o espírito das crianças. Mas há muitas outras que, ainda impregnadas de uma aversão sectária a tudo o que provém das religiões formalistas — aversão essa provocada e estimulada por atitudes negativas dessas religiões contra o Espiritismo — se recusam a aceitar a presença de símbolos natalinos em casa. Já superamos a

fase das batalhas rudes para defesa do Espiritismo, que hoje, se impõe naturalmente pela clareza dos seus princípios. Não podemos sacrificar o espírito das crianças ou prejudicar a sua formação espiritual por havermos saído esfolados de escaramuças do passado. Nosso dever é encarar o futuro.

Não estamos expondo opiniões particulares do nosso grupo, mas seguindo a orientação kardeciana, tão clara n'*O Livro dos Espíritos*, onde vemos a tolerância e o respeito dos Espíritos Superiores e de Kardec para todos os aspectos positivos das práticas religiosas inspiradas no espírito do Evangelho. Por outro lado, não devemos confundir o formalismo religioso, decorante da *letra que mata*, com as tradições cristãs inspiradas no *espírito que vivifica*. Para distinguir entre uma coisa e outra dispomos do bom-senso que Deus nos deu, da nossa capacidade de discernimento.

É da própria realidade social, do que se têm feito entre as famílias espíritas mais esclarecidas, através dos anos, que tiramos os elementos para esta colocação do problema do Natal. Os exemplos nesse sentido são os mais eloqüentes. Qualquer de nós pode verificar a utilidade dessa orientação conversando com jovens e até mesmo com adultos que foram criados dentro desse sistema no meio espírita. Não estamos inventando nenhuma novidade, mas apenas incentivando boas práticas já existentes.

Devemos considerar o Espiritismo, segundo o ensino kardeciano, como um desenvolvimento do Cristianismo à luz da razão esclarecida. As religiões cristãs formalistas foram necessárias para a divulgação dos princípios evangélicos num mundo regidamente dominado pelo formalismo. Até mesmo Jesus submeteu-se a formalidades judaicas para poder semear as sementes do seu ensino renovador entre os homens do seu tempo. A seqüência histórica da evolução espiritual nos mostra o Paganismo nascendo das práticas mágicas e das religiões primitivas; o Judaísmo nascendo das entranhas do Paganismo; o Cristianismo nascendo

do Judaísmo; e, por fim, o Espiritismo surgindo do seio do Cristianismo como a síntese racional-afetiva de todos esses esforços anteriores da Humanidade para superar a animalidade.

Foi por isso que o Espírito da Verdade, na mensagem que Kardec colocou como prefácio de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, afirmou: "Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos." Restabeleçamos o verdadeiro sentido das celebrações natalinas. O Espiritismo nos fornece os elementos necessários para isso. Façamos do Natal o ponto-de-partida da Educação Espírita, restabelecendo os seus valores didáticos no lar e na escola. No ato de sua encarnação Jesus nos deu a primeira lição espírita.

Como poderíamos alegar a deturpação sectária ou comercial do Natal para monosprezar o fato histórico do nascimento de Jesus? Podemos rejeitar uma verdade simplesmente porque ela foi desvirtuada? A função do Espiritismo é precisamente a de restabelecer a verdade. E há duas verdades no Natal que devemos restaurar em nosso tempo: a verdade humana do nascimento de Jesus e a verdade espiritual ou divina da encarnação do Cristo. Jesus é o homem, *nascido sob a lei, nascido de mulher*, segundo o ensino de Paulo. Cristo é a alma desse homem, o Espírito Divino que o anima e que faz do seu corpo mortal o instrumento da educação humana.

Compreendamos bem esse problema: não há duas pessoas em Jesus, mas uma só. O Cristo ou o *espírito crístico* se encarna como um ser humano natural, recebendo um nome comum, o nome de Jesus, e dessa encarnação resulta a presença do Cristo na Terra. Ao Cristo encarnado chamamos Jesus Cristo. Nenhum homem pode ser apenas carnal. Nenhum espírito, para viver entre os homens e como homem pode ser apenas espiritual. A encarnação é a junção do espírito com o corpo. Eis a primeira lição do Natal.

## CARTA ABERTA AOS PROFESSORES ESPÍRITAS

Este número de *Educação Espírita* podia ser o último, tantas são as dificuldades com que nos defrontamos para manter a revista em circulação, tamanha e tão assustadora é a incompreensão dos espíritas no tocante ao problema fundamental da educação. Mas não será o último, porque esta revista é uma necessidade premente da hora que vivemos e porque o Grupo Espírita de Estudos Pedagógicos e a Editora Edicel estão decididos a mantê-la de qualquer maneira.

O que mais nos assusta não são as campanhas obscuratistas contra a educação espírita, pois bem conhecidos já são os grupos retrógrados que se opõem sistematicamente a tudo o que se faz pela cultura espírita. O que mais nos causa estranheza é a indiferença dos professores espíritas e principalmente das escolas espíritas pela existência de uma revista doutrinária especializada em educação e pedagogia.

Propositalmente esta revista não foi lançada sob o patrocínio de nenhuma instituição doutrinária. Idealizada e organizada por um pequeno grupo de professores, foi lançada pela Edicel com inteiro desprendimento da editora, sem nenhuma finalidade comercial. Evitamos assim os perigos da política institucional. Mas não podíamos contar com a frieza do professorado espírita, já bastante numeroso para oferecer base suficiente de apoio a uma iniciativa deste gênero.

Os quatro números já publicados atestam essa indiferença de maneira alarmante. Quais os pro-

fessores espíritas que apareceram para colaborar na revista? Algumas colaborações, pouquíssimas, foram arrancadas à força de insistência. Enquanto isso, ilustres mestres e pedagogos não-espíritas revelaram seu entusiasmo pela obra, comparecendo em cada número com seus trabalhos valiosos. Isso compensou a defecção inesperada.

Não faltaram notícias, comentários e louvores da imprensa, tanto espírita como profana. Não faltaram anúncios, até mesmo de rádio e televisão. O que faltou foi a reação do professorado espírita, o interesse das escolas. Qual o motivo dessa frieza? Incompreensão da importância do problema, simples negligências, temor de enfrentar uma batalha contra as forças da sombra que pretendem reduzir o Espiritismo a uma seita fanática avessa aos aspectos culturais da doutrina? Tudo isso é tão inaceitável que não o podemos admitir como explicação válida. Talvez tenha sido a maneira pela qual a revista colocou o problema, num plano de inegável elevação cultural. Mas como fazê-lo de outra maneira, se tratamos precisamente de cultura espírita?

Seja como for, não queremos descer da capacidade de compreensão e da sensibilidade dos professores espíritas para as questões educacionais. Estamos certos de que o meio escolar espírita — hoje tão amplo que abrange todos os níveis do ensino — ainda vai despertar para a luta necessária em favor da educação espírita. Por isso lançamos novamente o nosso convite a todos, na esperança de que ele seja ouvido. Esta revista não surgiu para servir a um grupo, a uma determinada instituição. Seu objetivo é servir à Causa da Educação Espírita com o apoio de todos os que nela militam.

Se cada professor espírita, em todo o Brasil, quisesse dar um pouco de si mesmo na divulgação desta revista, ela poderia transformar-se num órgão de publicação mensal. Se cada escola espírita entendesse que pode ser um centro de divulgação desta revista, os problemas educacionais empol-

gariam, os meios doutrinários por toda parte. E assim a revista *Educação Espírita* se tornaria o veículo de estímulo, esclarecimento e orientação do nosso movimento escolar, que espontaneamente surgiu e cresce por todo o país.

Desde o primeiro número temos acentuado o nosso desejo de que esta revista pertença a todos. Os assuntos ventilados em suas páginas são sempre de ordem geral, nunca privativos. Recebemos apoio e estímulo do exterior, o que prova que estamos no caminho certo. As colaborações estrangeiras provam isso. Da Argentina à Venezuela esta revista levou a mensagem educacional do movimento espírita brasileiro e provocou evidentes reações de entusiasmo. Por que estranha razão os professores e as escolas espíritas da nossa terra permanecem alheios ao interesse continental?

Nossa rede de escolas espíritas não dispõe de um sistema educacional fundado numa pedagogia espírita. Essa falta é grave e capaz de comprometer decisivamente a obra material que está sendo construída. De que valem prédios e instituições educacionais que só tenham o rótulo de espíritas mas não possam dar educação espírita? Só valem como trincheiras abertas para a grande batalha que não se travou ainda. De que valem congressos educacionais espíritas em que a maioria dos congressistas revelam ignorar os princípios fundamentais da educação doutrinária? Só valem como tentativas de despertar o meio espírita, e particularmente o professorado espírita, para a batalha que continua a ser adiada por falta absoluta de combatentes.

Foi do III Congresso Educacional Espírita Paulista que nasceu esta revista. Porque já no Simpósio de Curitiba sobre educação espírita havia sido notada a falta de um órgão de divulgação e coordenação dos esforços para elaboração de uma pedagogia espírita. Chegou-se mesmo a determinar o lançamento de um suplemento educacional do "Mundo Espírita", em caderno especial, para suprir essa falta. Mas tudo ficou apenas em deliberação, nada se positivando na prática. Mas

agora que a revista *Educação Espírita* é uma realidade, nada mais exigindo do que a colaboração de todos para manter-se e desenvolver-se, onde estão os entusiastas de uma publicação especializada?

Nossa intenção de publicar um número de três em três meses foi completamente frustrada pela falta absoluta de colaboração e interesse do meio espírita e particularmente do meio educacional espírita. Fomos obrigados a desdobrar o prazo, transformando a revista em órgão semestral. Aceitamos o sacrifício de nossas esperanças e do nosso entusiasmo, lançando agora o quinto número da revista, depois de três anos de sua fundação. Programamos apenas dois números para 1974. É com tristeza que o fazemos, mas sem a colaboração dos professores e das escolas espíritas não podemos fazer mais do que isso.

Não queríamos vir a público para um desabafo como este. Mas o assunto é de interesse público e não temos o direito de calar. Toda a obra educacional espírita já realizada estará ameaçada de estagnação se não houver interesse pelo intercâmbio de informações entre as escolas, pelo debate cultural dos problemas da educação espírita, pela divulgação de estudos e planos de trabalho a respeito. Para tudo isso foi criada esta revista. Não deixaremos morrer, a menos que surja um órgão que possa substituí-la. Estamos prontos a cruzar as armas, se outros as empunharem com a mesma disposição, o mesmo desinteresse e o mesmo desejo de servir à causa.

Reiteramos nosso convite aos professores e às escolas espíritas. Escrevam-nos, enviem-nos colaborações, ajudem a divulgar esta revista. Sem a ajuda compreensiva de todos não atingiremos os objetivos superiores da educação espírita. O esforço tem de ser coletivo ou nada se fará de eficiente. Educação espírita é problema de todos os espíritas.

## O ESTUDANTE E A POBREZA

ANTONIO D'ÁVILA

(Do Conselho Estadual de Educação — São Paulo)

Reunindo velhas lembranças de nosso curso normal, feito de 1917 a 1920, na tradicional Escola Normal da Praça da República, curso oficial e gratuito, apenas onerado com uma taxa anual de 50\$000, de que se isentavam os portadores de um atestado de pobreza, fornecido por autoridade competente, verificamos que no terreno de despesas com livros e material escolar as exigências do tempo eram mínimas. Por essa época recuada, ainda não havia, para estudo, autores nacionais de livros de psicologia, pedagogia e didática, matérias básicas num curso de formação de professores. Recorriamos, então, a autores estrangeiros de renome no assunto: William James, Payot, Marion, Compayrè, Mercante ou o safadíssimo Patrascouiu. Para as demais necessidades, bastávamos as apostilas, os pontos colhidos de ouvido. E no campo da língua portuguesa e da gramática, consultávamos o pesado Júlio Ribeiro, a respeitável *Antologia* de Laet e líamos edições populares de Taunay, *Inocência, Céus e Terras do Brasil*; de Herculado, o desventurado *Eurico*; de Alencar, *Iracema*.

Visitando hoje as casas de livros escolares e material didático, espanta-nos a riqueza a exuberância, a opulência mesmo dessas coisas que a escola vem pedindo, com excessivo abuso, exigindo

com excessivo gasto, e com exagerada multiplicidade. Ensino oficial gratuito, estudo caro, caríssimo com um dispersivo material didático. Estudante pobre, porém, sempre existiu e sempre o tivemos às voltas com o sério problema de manter-se e de alcançar livros, utensílios e mais coisas necessárias à sua própria sobrevivência. Sacrificadas criaturas que, como nos velhos estilos se dizia, “ávidas de saber”, com mal dormidas noites, refeições escassas, sem lazeres e sem recreações.

Ora, já em 1843, quando se pensou na criação de uma escola normal em São Paulo, um projeto de lei trazia curiosas disposições sobre essa escola e seu ensino e, dentre elas, destacamos a do artigo 35, assim redigido: *“O Governo poderá fornecer mensalmente o auxílio de 20\$000 a dez cidadãos que, querendo exercer o magistério, não dispuserem de meios para freqüentar a Escola Normal; e estes indenizarão o Cofre Provincial, quando providos, descontando-se mensalmente quantia arrazoadada dos seus vencimentos, sem prêmio algum.”*

Ao considerar essa disposição do projeto, que se converteu na lei n. 34, de 16 de março de 1846, somos levados a creditar ao distante e ignorado legislador a nossa mais fervorosa admiração, por haver descido das altas esferas das elocubrações legislativas ao terreno árido e áspero da pobreza do estudante, ainda na linguagem de sempre “sequioso de saber”. Além do saber, sequioso de recursos com que enfrentar a dura realidade da casa, da comida, da roupa, do livro, do remédio e, quem sabe, de alguma recreação. Não nos abalancamos ao exame do valor dessa graça governamental, nem no de sua aplicação. Ficamos apenas com o coração voltado para o gesto magnânimo e fraterno do longínquo legislador compadecido das necessidades de outros homens, no estudo.

Mas, volvidos 94 anos, quase um século depois, eis que pomos os olhos num anteprojeto de lei, de 1940, elaborado e assinado por seis conspícuas figuras de nossa educação e nesse papel descobrimos o mesmo impulso de fraternidade com

relação ao estudante tocado de pobreza. A mesma mão protetora, esta do município, estendida para o estudante necessitado.

Vale a pena reproduzir alguns artigos desse anteprojeto, para colher mais de pronto o seu espírito humano e fraternal. Ei-los: "Artigo 54. Mediante condições que instituírem, os municípios poderão estabelecer bolsas de estudo a estabelecimentos de preparação para o magistério, destinadas a alunos distintos, que, concluídos o curso primário, não tenham recursos para prosseguir nos estudos.

"Artigo 55. Quando um município estipendiar o curso de um aluno, ser-lhe-á concedida nos estabelecimentos de ensino normal, mantidos pelos poderes públicos, a redução de 50% em todas as taxas escolares.

"Parágrafo único. Os diplomados que se valerem dos favores deste artigo, só poderão exercer o magistério em outro município depois de terem trabalhado, pelo menos, cinco anos no município que estipendiou os estudos."

E, finalmente, chamando a atenção do amável leitor para este ponto:

*"Artigo 56. A título de prêmio serão restituídas aos pais ou responsáveis as importâncias das contribuições escolares, pagas durante os estudos em estabelecimentos oficiais de ensino normal, desde que se verifique ter o aluno, depois de diplomado, exercido durante cinco anos consecutivos o magistério na zona rural."*

A atenção que pedimos ao leitor poderá focalizar, nesta última disposição do anteprojeto de lei, elaborado por seis eminentes figuras da educação nacional, um mundo de aspectos e de problemas. Esboçaremos apenas algumas linhas do raciocínio.

Pai ou responsável pelos estudos de um jovem, tendo gasto certa soma em dinheiro, tem agora esse jovem sobraçando um diploma de mestre. E mais. Tem-no nomeado para cadeira da zona rural, onde a esperançosa planta da nor-

mal deve permanecer por cinco longos e consecutivos anos. E de olhos postos, um ou outro na devolução das despesas, prometida. Eis cumprido o tempo consecutivo. Para o bem do ensino, o jovem mestre cumpriu os cinco anos de trabalho docente. Agora só lhe caberá pôr em ordem a papelada: Pública-forma do diploma, idem do título de sua nomeação, atestado de autoridades quanto ao seu exercício consecutivo, requerimento, certidões e, ao lado, comprovação minuciosa das despesas feitas com os estudos do rapaz, papéis diversos exigidos, firmas, afinal um processo formado, protocolado, com vistos, rubricas, carimbos, pareceres, talvez algum pedido de diligência quanto aos gastos efetuados, quiçá alguma obscuridade da lei em causa... E já nos cofres municipais a verba empenhada, pronta para descer às mãos dos pais ou responsáveis, cinco, seis ou mais anos depois, sem correção monetária, sem juros, a quantia reduzida ao terço ou menos... Valeria a pena redigir esse artigo 56?

Aqui nos detemos, reverentes apenas diante da magnanimidade dos legisladores de 1940, intro-metendo-se pelo município a dentro, mas compadecidos também, como em 1846, com a triste sorte do estudante na pobreza.

## OBJETIVOS DA SUPERVISÃO ESCOLAR

JOSÉ GERALDO TOLEDO

(Diretor do Departamento do Ensino  
Básico do Estado de São Paulo)

Conta-nos uma fábula oriental que, certa vez, um macaco e um peixe foram colhidos por uma grande enchente. O macaco ágil e experiente teve a boa sorte de trepar a uma árvore e salvar-se.

Olhando lá embaixo as águas turbulentas, viu o peixe debatendo-se contra a corrente rápida. Movido por um desejo de bondade de ajudar seu companheiro menos afortunado, estendeu a mão e tirou o peixe da água. Com surpresa para o macaco, o peixe não ficou muito agradecido pelo auxílio.

Isto nos lembra que o supervisor escolar que não estiver suficientemente esclarecido sobre os objetivos da sua função, procederá de maneira muito semelhante à do macaco.

Certo de que impondo seus pontos-de-vista ao professor, nas suas visitas à aula ou nas palestras em reuniões pedagógicas, estará “cumprindo o seu dever” e “salvando o colega” contribui apenas para criar uma padronização onde o ensino deve ser desenvolvido por modelos ou receitas.

Realmente, assim agindo por desconhecer os objetivos do seu trabalho, estará “sufocando” a atividade do mestre, e este, como o peixe da fábula, não ficará satisfeito com tal forma de ajuda.

É indubitável que a supervisão é necessária para auxiliar o pessoal que se destina à tarefa de ensinar.

A composição heterogênea do magistério é um fator que demonstra a necessidade da supervisão. Quando se analisa esta composição, descobre-se que entre o pessoal em serviço há mestres com pouca e muita experiência, e que cada um deles tem sua maneira de ser, de pensar e de atuar. Esta situação é uma razão poderosa que demonstra ser a supervisão essencial para orientar a função exigida do magistério em serviço.

Existem outras razões que demonstram a importância da supervisão:

a) A supervisão evita que a rotina se torne arraigada ao ensino.

b) Promove o aperfeiçoamento profissional do magistério.

c) Garante o desenvolvimento adequado dos programas escolares.

d) Permite o conhecimento do meio em que funciona a escola.

e) Vincula a ação da escola à da comunidade.

f) Promove a renovação do ensino, criando um ambiente de estudo, de solidariedade e cooperação entre os professores.

g) A supervisão tende a encontrar soluções para os problemas que se derivam de uma situação analisada objetivamente, em lugar de impor procedimentos esquemáticos, que em muitos casos não se adaptam à situação.

Como vemos, o supervisor é um agente importante para alcançar a maior eficácia no processo de ensino. É função dele diagnosticar as deficiências e os méritos do ensino, sugerir os meios para sanar as falhas do trabalho escolar, estimular os mestres e procurar outros recursos que contribuam para a melhoria da educação.

O cumprimento de suas funções exige do supervisor capacidade para tratar as pessoas, para orientá-las, para coordenar sua ação e para conciliar os diferentes pontos-de-vista.

Por estas razões, o supervisor deve ser um líder, não só por sua autoridade legal, mas, principalmente, por sua cultura e por suas condições pessoais.

## EDUCAÇÃO E FILOSOFIA DE VIDA

DEOLINDO AMORIM

(Presidente do Instituto de Cultura  
Espírita do Brasil)

Em 1939, quando se realizou o I Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, no Rio, Leopoldo Machado apresentou uma tese sobre Espiritismo e educação, logo depois publicada e divulgada em opúsculo, por iniciativa do próprio Autor. A tese fora sugerida pela Comissão Organizadora do Congresso, não apenas por causa da projeção de Leopoldo no movimento espírita, como jornalista, escritor e polemista, que percorria o Brasil quase todo, levando e defendendo corajosamente a mensagem da Doutrina Espírita, mas pela circunstância de ser professor, diretor de colégio em Nova Iguaçu e, por isso, muito bem indicado para um trabalho de tal natureza. Leopoldo Machado desincumbiu-se satisfatoriamente e deu à tese um título forte e categórico: *Espiritismo é Obra de Educação*.

Não foi, a rigor, um trabalho técnico, mas uma contribuição cultural, de valor inestimável. Agradou muito e correspondeu inteiramente à expectativa do Congresso. A educação pode ser encarada, principalmente, à luz de dois prismas: o genérico e o específico. Genericamente, é um conjunto de princípios, normas e hábitos, visando a um fim; especificamente, é um sistema de técnicas e processos, propondo-se à realização de certos objetivos. Em sentido amplo, fazendo-se

abstração das técnicas pedagógicas que devam ser aplicadas a determinados sistemas de ensino, a educação pressupõe uma filosofia, da qual decorrem uns tantos valores fundamentais. A tese de Leopoldo Machado teve exatamente este sentido. Educar não é instruir, não é apenas preparar para “vencer na vida”, como geralmente se diz: educar é *formar*. E a formação de um ser humano depende muito da filosofia e, conseqüentemente, dos valores de sua educação. Não nos esqueçamos de Allan Kardec, pedagogo antes de tudo, autor de obras didáticas, familiarizado com as técnicas de sua época, não sentiu a função da educação apenas pelo ponto-de-vista de um homem especializado no assunto, adstrito à terminologia e aos esquemas padronizados, mas através de uma perspectiva filosófica, levando em conta, fundamentalmente, a transformação do homem e dando preeminência aos valores do espírito.

A educação pode ter *fins* diversos, de acordo com a filosofia dominante em cada época ou segundo as preocupações de cada sociedade. Se a educação é realmente modeladora, claro que tanto se pode *modelar* o educando para um fim, como para outro, fazendo dele nada mais do que uma peça do sistema vigente. Já se educou para a vida mística, em tempos recuados, porque havia uma espécie de horror ao mundo. Então, na medida daqueles padrões, educar significava simplesmente preparar a criatura humana para se desprender do mundo, fugir ao “pecado”, embrenhar-se no misticismo para conquistar o céu... O *sobrenatural* representava, pois, o alvo supremo da educação a fim de que o homem não se contaminasse nas impurezas terrenas. Houve civilização, entretanto, que educou para um fim inteiramente oposto: a força. Educar seria, pois, fazer homens fortes, para a luta. E já houve civilização que se concentrou muito na beleza da forma e, por isso mesmo, sua educação deu muito realce ao tipo atlético. Os valores religiosos não entraram em cogitação. E, assim, sistemas de educação não podem evitar certas contingências da época e do meio social. Em linhas gerais, foi o escrito

em *Educação Espírita* n. 2—1972, sob o título: “Concepção espírita de educação”. Vejamos outros aspectos.

A educação, principalmente hoje em dia, não pode relegar a ordem temporal, a vida prática enfim, pois é necessário armar o homem de instrumentos que lhe permitam pelo menos viver no mundo de competições e atritos cada vez mais acentuados, como é o nosso mundo. Não seria possível, diante de tantas exigências e tanta expansão tecnológica, colocar os objetivos da educação unicamente no plano ideal dos valores transcendentais sem reconhecer os problemas da realidade social que nos rodeia e provoca. Mas a educação deve ser integral, não pode ser exclusivamente pragmática ou imediatista, como já se pensa em determinados círculos de opinião, pois a criatura humana tem aspirações muito maiores e mais preponderantes do que a simples conquista do êxito material, que é um valor necessário, mas não resume todos os valores da vida.

Nenhum plano ou sistema de educação deve perder de vista que o ser humano tem outras esferas de necessidades insopitáveis e palpitantes: a espiritualidade e a liberdade. A primeira é condição da segunda. Ainda que se dê tudo, a uma criatura humana, como o bem-estar físico, fâmulos para servi-la, vida ociosa e regalada entre esplendores, mas se a troco de tudo isso for eliminada a liberdade, se lhe tirarem o direito de ter suas preferências, a vida será muito melhor na planície social, abrindo mão de todas as grandezas para ter o direito de pensar e amar a seu modo, ler o que lhe agrada sem imposições nem restrições ao foro íntimo. O espírito é tão sedento de liberdade que prefere ser livre no anonimato a viver no mais belo palácio, encarcerado entre grades de ouro... Este ponto é decisivo em qualquer filosofia que se volte realmente para a educação no sentido global de corpo e espírito.

A educação deve atender às necessidades do momento, até certo ponto, mas não pode fazer tábua rasa dos componentes básicos de espiritua-

lidade e liberdade, que são essenciais, insubstituíveis na pessoa humana. Por mais aperfeiçoado e minucioso que seja um sistema de educação no que diz respeito às condições socio-econômicas, ainda que dê muita ênfase ao adestramento profissional ou técnico, nem por isso deixará de ser incompleto ou lacunoso, se não levar em conta o lado espiritual da vida.

Cabe, pois, ao Espiritismo um papel dos mais relevantes em nossos dias, já pela sua filosofia, que mostra o ser humano através de uma destinação superior, porque não se configura estritamente nos quadros das necessidades materiais e transitórias, já pelo senso de equilíbrio com que a Doutrina Espírita situa a função educativa perante o mundo. Em síntese, a posição do Espiritismo, em matéria de educação, permite uma conclusão realista, mas moderada:

#### **NEM**

a vida improdutiva ou à parte, ignorando o mundo em que se vive ou repelindo as injunções de ordem natural e social,

#### **NEM**

a subordinação sistemática ou passiva aos interesses do momento como filosofia de vida, confundindo o essencial com o acessório, o definitivo com o transitório, o espiritual com o temporal.

Isto quer dizer, finalmente, que o Espiritismo tem elementos para uma filosofia de educação, porque ensina e transforma, educa e corrige pela influência de seus princípios no procedimento humano, apontando horizontes mais amplos na medida em que se compreende a supremacia do espírito.

# EDITORIAIS

---

## EDUCAÇÃO NO LAR

A educação espírita começa no lar. Nas famílias espíritas é dever dos pais iniciar os filhos nos princípios doutrinários desde cedo. A falta de compreensão da doutrina faz que certas pessoas pensem que as crianças não devem preocupar-se com o assunto. Essas pessoas se esquecem de que os seus filhos necessitam de orientação espiritual e que essa orientação será tanto mais eficiente quanto mais cedo lhes for dada. Kardec, num trecho de artigo da Revista Espírita que já publicamos em número anterior, conta como na França, já no seu tempo, a educação espírita no lar começava a produzir maravilhosos efeitos.

É preciso não esquecer que as crianças são espíritos reencarnados, espíritos adultos que se vestem, como ensina Kardec: "com a roupagem da inocência" para voltarem à Terra e iniciarem uma vida nova. Os espíritos que se reencarnam em famílias espíritas já vêm para esse meio para receberem desde cedo o auxílio de que necessitam. Os pais que, a pretexto de respeitar a liberdade de escolha de quem ainda não pode escolher, ou de não forçar os filhos a tomarem um rumo certo na vida, deixam de iniciar os filhos no Espiritismo, estão faltando com os seus deveres mais graves.

Ensinar às crianças o princípio da reencarnação, da lei de causas e efeitos, da presença do anjo-guardião em suas vidas, da comunicabilidade dos espíritos e assim por diante, é um dever inalienável dos pais. Pensar que isso pode assustar

as crianças e criar temores desnecessários é ignorar que as crianças já trazem consigo o germe desses conhecimentos e também que estão mais próximas do mundo espiritual do que os adultos.

Descuidar da educação espírita dos filhos é negar-lhes a verdade. O maior patrimônio que os pais podem legar aos filhos é o conhecimento de uma doutrina que vai garantir-lhes a tranqüilidade e a orientação certa no futuro. Os pais que temem dar educação espírita às crianças não têm uma noção exata do Espiritismo e por isso mesmo não confiam no valor da doutrina que esposam.

Porque razão os católicos e os protestantes podem ensinar aos filhos que existe o inferno e o diabo, que a condenação eterna os ameaça e que o anjo da guarda pode protegê-los, e o espírita não pode ensinar princípios muito mais confortadores e racionais? Se o medo do diabo e do inferno não traumatiza as crianças das religiões formalistas, por que razão o ensino de que não existe o inferno nem existe o diabo vai apavorá-las? Não há lógica nenhuma nessa atitude que decorre apenas de preconceitos ainda não superados pelos pais, na educação errônea que receberam quando crianças.

As crianças de hoje estão preparadas para enfrentar a realidade do novo mundo que está nascendo. Esse novo mundo tem por alicerce os fundamentos do Espiritismo, porque os princípios da doutrina estão sendo confirmados dia a dia pelas Ciências. A mente humana se abre neste século para o conhecimento racional dos problemas espirituais. Chegou o momento do Consolador prometido pelo Cristo. Os pais espíritas precisam compreender isso e iniciar sem temor os seus filhos na doutrina que lhes garantir tranqüilidade e confiança na vida nova que iniciam.

A melhor maneira de desenvolver a educação espírita no lar é organizar festinhas domingueiras com prece, recitativos infantis de tema evangélico, explicação de parábolas, canções espíritas e brincadeiras criativas, que ajudem a despertar a criatividade das crianças. Espiritismo é alegria,

espontaneidade, sociabilidade. Essas festinhas preparam o espírito da criança para o aprendizado nas aulas dos Centros e para as aulas de Espiritismo na escola.

Esconder às crianças de hoje a verdade espírita é cometer um verdadeiro crime contra o seu progresso espiritual e a sua integração na cultura espírita do novo mundo que está nascendo. Que os pais espíritas não se furtem a esse dever. A educação no lar é a base de todo o processo posterior de educação escolar e de educação social, que os adolescentes e os jovens irão enfrentar na vida.

Não importa que alguns espíritas metidos a sabichões combatam a educação espírita. Deus os perdoará, porque eles não sabem o que fazem. O que importa é os pais se inteirarem de suas responsabilidades pessoais, que não podem transferir a ninguém, e tratarem de cumpri-las. Se forem realmente espíritas, os pais saberão quanto o Espiritismo lhes tem valido na vida. Que direito terão de negar aos filhos o conhecimento dessa doutrina que tanto bem lhes faz? Quererão que os filhos se extraviem no materialismo e na irresponsabilidade que desgraça tantos jovens de hoje?

## LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil espírita ainda está pouco desenvolvida, mas já existem alguns livros que podem auxiliar a educação espírita das crianças. É preciso evitar certos livros cansativos, pretensamente infantis, que ao invés de sugerir caminhos à imaginação da criança pretendem impor-lhes princípios de maneira dogmática.

A arte de escrever para crianças é uma das mais difíceis. Se o autor não tiver preparo suficiente para isso cairá no moralismo formal, ditando preceitos e impondo regras contraproducentes. A imaginação da criança não encontrará estímulo algum nessas obras que acabarão por desviá-la dos livros espíritas. Há também o perigo das estó-

rias ridículas. que darão à criança uma idéia falsa dos princípios doutrinários. Pais e professores precisam acautelar-se quanto a essa sublitteratura infantil elaborada por pessoas incompetentes, embora às vezes bem intencionadas.

A literatura infantil espírita, como a literatura infantil em geral, exige do escritor conhecimentos de psicologia infantil e preparo didático. Se o autor não dispuser desses conhecimentos não conseguirá falar à imaginação da criança, cuja sensibilidade é aguçada e por isso mesmo exigente. Se os pais não tiverem conhecimento bastante para escolher os livros que devem dar aos filhos, devem consultar pessoas reconhecidamente experientes e conhecedoras do assunto. Um professor ou uma professora — não apenas diplomados mas também e sobretudo dotados de vocação e amor pelas crianças — será o melhor conselheiro no assunto. Nossa revista vai fazer um levantamento da literatura infantil espírita já publicada e indicar as obras mais adequadas. Incumbiremos disso pessoas especializadas.

Acontece com o Espiritismo, em nossos dias, o que aconteceu com o Cristianismo durante anos e séculos. Custou muito para que a literatura infantil cristã atingisse um nível razoável. Esperamos que no Espiritismo isso aconteça em menor tempo, porque já contamos com a experiência anterior dos autores cristãos.

O mesmo acontece com o teatro infantil espírita. Se os autores de livros e de peças teatrais não tiverem o preparo suficiente — didático, psicológico e literário — e o coração realmente voltado para as crianças, nada poderão oferecer de proveitoso. Para tudo isso precisamos de cursos que oriente os interessados na elaboração das obras.

## ESCOLAS ESPÍRITAS

Temos hoje uma rede escolar espírita que vai dos cursos pré-primários até os universitários. Muita gente, inclusive alguns dos impropriamente

chamados "grandes" do Espiritismo, não compreendem que estamos diante de uma exigência dos novos tempos. Há mesmo quem pergunte: "Porque escolas espíritas? Pois se elas têm de ensinar as mesmas matérias que as demais escolas, do contrário não serão reconhecidas oficialmente, de que nos servem as escolas espíritas?"

Outras pessoas alegam que puseram seus filhos nas escolas espíritas e ficaram decepcionadas, porque elas não diferem em nada das escolas comuns. Será assim mesmo? O simples fato de uma escola ser declaradamente espírita já é uma diferença importante. Nessa escola não haverá o perigo da deturpação materialista ou religiosa do ensino. A escola espírita terá, quando nada, a vantagem de garantir o ensino de todas as matérias sem a influência deformante do materialismo e do dogmatismo religioso.

Mas uma escola espírita bem orientada fará muito mais do que isso. Terá cursos de Espiritismo franqueado aos alunos filhos de espíritas ou que, mesmo não sendo de família espírita, se interessem, com apoio dos pais, pelo aprendizado espírita. O ensino religioso é hoje obrigatório nas escolas. A escola espírita não tem motivos para não ensinar a religião espírita. Deve apenas cuidar de escolher professores competentes, não só doutrinariamente, mas também do ponto-de-vista didático, para que as aulas se tornem realmente interessantes e proveitosas.

Alguns dirigentes de escolas espíritas se queixam de certas dificuldades. Por exemplo: "Se pomos um curso de Espiritismo precisamos pôr também cursos de outras religiões." Pois se tiverem alunos de outras religiões, ponham também esses cursos. Mas o mais indicado é o estabelecimento de cursos de Religião num sentido amplo, tratando do assunto em termos gerais, como se faz com todas as demais matérias. Essa é uma lição que as escolas espíritas podem dar a todas as demais escolas.

A Religião é um campo cultural como qualquer outro. Até agora o ensino religioso esteve

preso ao sectarismo. As escolas espíritas devem romper com esse erro, criando cursos de Religião em bases culturais e não sectárias. O assunto é novo apenas em sua aplicação pedagógica, pois culturalmente não há dificuldade alguma para a sua efetivação.

Tomemos para exemplo uma escola primária. O ensino de Religião pode começar pelos conceitos básicos da existência de Deus e da alma, do sentimento religioso inato na criatura humana, da sobrevivência espiritual e dos preceitos evangélicos que todas as religiões ensinam. Prosseguirá explicando o valor da prece, a importância do sentimento religioso na vida social, a razão da existência das várias formas de religiões (em consequência das várias disposições psicológicas, mentais e culturais da criatura), poderá oferecer rudimentos da História das Religiões, exaltando as figuras exponenciais de todas elas, que realmente representem exemplos de moralidade e espiritualidade superior, acima dos sectarismos divisionistas.

Esse é o verdadeiro ensino de Religião que deve ser dado em todas as escolas. Através dele se pode fortificar nos educandos o sentimento religioso inato, combater a tendência materialista e sectarista do ensino atual e abrir perspectivas para uma compreensão mais ampla e mais elevada do problema religioso. Eis uma das tarefas mais importantes das escolas espíritas: provocar essa revolução salutar na educação, eliminando pela raiz os motivos de discórdias, desentendimentos e lutas inglórias no campo religioso.

Como vimos acima, se quisermos tomar uma atitude sectária, à semelhança do que se faz atualmente, teremos, para salvar o caráter democrático do Espiritismo, de admitir cursos das várias religiões na escola espírita. Mas se quisermos realmente atender às exigências da educação na formação dos alunos, segundo os princípios espíritas, temos essa fórmula revolucionária, que está perfeitamente entrosada nas exigências pedagógicas.

Nas escolas espíritas de nível médio esse processo pode ser desenvolvido, aprofundando os as-

pectos relacionados com a origem da Religião a partir dos povos primitivos e conseqüentemente os aspectos mais significativos da História das Religiões. Nos cursos superiores teríamos, além dos problemas superiores da História das Religiões, todo o vasto material da Psicologia das Religiões, dos esforços científicos do passado e do presente para provar a sobrevivência da alma após a morte e sua comunicabilidade, da Filosofia das Religiões e da Teologia em seus vários aspectos.

Como se vê, tudo não passa de um problema de estudo, de interesse real dos diretores da escola para elaborar programas adequados, isentos de qualquer tendência sectária. Um pouco de esforço e surgirão os primeiros programas. Sua aplicação produzirá as experiências necessárias e a observação atenciosa dos resultados fornecerá os elementos de aperfeiçoamento. As escolas espíritas marcarão uma nova era na educação, mostrando que o problema do ensino leigo está naturalmente superado pelas novas perspectivas religiosas que se abriram no desenvolvimento cultural do nosso tempo.

Pedimos aos leitores que releiam este artigo com muita atenção, para não concluírem erroneamente que propomos a infiltração de outras religiões na escola espírita. A infiltração poderá impor-se no caso de tomarmos atitude semelhante a de outras escolas ligadas a sistemas religiosos, porque a natureza da doutrina não permite adotarmos nenhum exclusivismo. Mas se tratarmos do assunto nos termos amplos e arejados em que o Espiritismo coloca naturalmente a questão, teremos na verdade a solução do problema da formação religiosa em nosso tempo.

Esse problema, assim colocado, nos dá também um exemplo concreto da necessidade da escola espírita. O que se passa no campo do ensino religioso tem o seu similar em outros campos. O conflito entre o ensino da Antropologia, da Geologia, da História, da Filosofia, que hoje aturde os professores e gera confusões lamentá-

veis no ensino desaparecerá naturalmente. Os educandos terão os dados, por exemplo, da Cosmogonia científica e das várias cosmogonias religiosas oferecidos amplamente à sua escolha, à sua opção voluntária. Não ficarão condicionados a uma imposição materialista ou sectarista, que geralmente os leva à dúvida ou até mesmo à rejeição da Religião, de que inevitavelmente necessitam para a sua formação verdadeira.

Solicitamos às Direções de escolas espíritas que examinem este assunto, que o estudem com atenção e nos escrevam a respeito. Nossas páginas estão abertas a todas as sugestões e a todas as colaborações. Precisamos mesmo da colaboração de todos, pois a finalidade de nossa revista não é apenas colocar problemas, mas acima de tudo provocar o debate dos problemas para o seu encaminhamento a uma solução possível.

Educação Espírita é um órgão aberto ao diálogo. Sua função não é fazer propaganda da escola espírita, mas dar a essa escola nova, que está abrindo uma nova era educacional, os meios de se firmar pedagogicamente como uma força no campo educacional.

## JORNALISTAS ESPÍRITAS

Não é nosso objetivo levantar polêmicas. Mas por outro lado não somos dos que fogem à discussão de problemas doutrinários ou relacionados com o movimento espírita. Queremos que esta revista siga na esteira de Paulo e Kardec: pão, pão; pedra, pedra. Nada de embrulhos em matérias de doutrina, nada de injustiças em questões de atividades doutrinárias. O Livro de Atos dos Apóstolos, no Novo Testamento, e toda a obra de Kardec mostram que os dois missionários citados não gostavam de deixar dúvidas no ar.

Um panfletário do Rio acusou recentemente o V Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas de falta de autenticidade, por não ser constituído de jornalistas. Acusação especiosa, pois o simples fato de se tratar do V Congres-

so da classe já bastaria para mostrar que os seus componentes deviam ter qualificação para integrá-lo, como realmente o tinham.

O I Congresso foi realizado no Rio em 1939. Decidiu-se em plenário que o II se realizaria em São Paulo. Mas passaram-se vários anos sem que se efetivasse essa deliberação. O Clube de Jornalistas Espíritas de São Paulo, única entidade nacional da classe, resolveu tomar a si a convocação do II Congresso e o fez com muito sucesso em 1948. Daí por diante realizaram-se mais três: o de Belo Horizonte, o de Curitiba e o de Niterói. Todos com brilho, êxito pleno e resultados satisfatórios. O VI Congresso, segundo se decidiu em Niterói, deverá realizar-se em Goiânia ou Brasília no correr do ano próximo.

Esses congressos não são apenas de jornalistas, mas também de escritores espíritas, como se vê pelo seu próprio nome. E em nenhum dos congressos realizados participou, como congressista inscrito, nenhuma pessoa que não estivesse nas condições exigidas pelo regimento. É bom lembrar que esses congressos são independentes, não estando sujeitos a nenhuma Federação e a nenhuma instituição do movimento unificador. A única autoridade capacitada para julgar das condições dos participantes é a comissão organizadora de cada congresso, que só tem obrigação de dar satisfação de seus atos ao plenário do próprio congresso.

O Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo foi fundado por um grupo de jornalistas profissionais, militantes da imprensa paulistana diária, devidamente registrados e sindicalizados. Vários deles foram diretores do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. Dois deles foram presidentes do Sindicato e um deles foi chefe da Delegação de São Paulo ao VII Congresso Brasileiro de Jornalistas realizado no Rio em 1957. Seu discurso em resposta ao do Presidente da República, que instalou solenemente o congresso na sede da Associação Brasileira de Imprensa, consta dos anais do referido congresso.

Nenhuma Federação Espírita, organismos de cúpula do movimento doutrinário, organizados

por grupos de espíritas residentes nesta ou naquela capital — condição única determinante da natureza federativa dos mesmos, que nunca se apoiaram em bases nacionais ou estaduais — podia ter maior autoridade que o Clube dos Jornalistas para movimentar os congressos da classe. Tanto assim que foi necessário fundar-se o movimento de unificação para dar alguma base às Federações improvisadas, e esse movimento fez questão de incluir o Clube dos Jornalistas em seus quadros, reconhecendo-lhe plena capacidade para tratar dos problemas relacionados com a classe.

O Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, reconhecendo a natureza específica da imprensa espírita, resolveu classificar os jornalistas espíritas em duas categorias, de acordo com a realidade do exercício profissional em dois campos diferentes: os jornalistas profissionais espíritas e os jornalistas espíritas não-profissionais, que fundaram e sustentam a imprensa espírita propriamente dita em todo o território nacional. No tocante aos problemas profissionais, só os jornalistas dessa categoria podem participar das deliberações do Clube. No tocante aos problemas doutrinários e da imprensa espírita não-profissional, as duas categorias podem e devem pronunciar-se e votar.

Esse critério é da mais limpida justiça, pois seria injusto negar-se ao jornalista espírita não-profissional, abnegado divulgador da doutrina e orientador do movimento doutrinário, o lugar que de direito e de fato lhe cabe nos quadros da imprensa espírita. Hoje esse critério está praticamente sancionado por lei, pois como se sabe o jornal ou revista espírita deve ter como responsável um jornalista oficialmente registrado.

Quanto aos escritores espíritas, também admitidos no Clube, qualificam-se por suas obras publicadas, como se faz em todo o mundo e em todos os tempos, e atualmente também por sua inscrição nas associações profissionais de escritores. Com o advento da aposentadoria para escritores já temos, hoje, vários escritores espíritas aposen-

tados oficialmente pelo INPS, o que mostra a legitimidade de suas qualificações.

Diante do acima exposto fica evidente que negar a legitimidade dos Congressos de Jornalistas e Escritores Espíritas é uma temeridade, que só pode decorrer de um gesto de audácia ou de má-fé, com o fim exclusivo de criar confusão no meio espírita e prejudicar um movimento cultural espírita em pleno e vitorioso desenvolvimento. Fica evidente que esse gesto só pode partir dos chamados "grupos obscurantistas" infelizmente existentes no movimento espírita brasileiro. Esses grupos são contra o desenvolvimento da cultura espírita no Brasil e tudo fazem para depreciar o trabalho digno e abnegado dos que compreendem a natureza essencialmente cultural do Espiritismo.

Os leitores que tenham acompanhado a batalha entre os obscurantistas e culturalistas sabem que os obscurantistas condenam tudo o que não parte de sua exclusiva iniciativa. Aí estão os artigos publicados, com sintomática insistência, contra tudo o que possa colocar o Espiritismo no seu devido lugar em nosso panorama cultural. O trabalho desses grupos é tipicamente misoneísta, contrário a toda renovação, empenhado na estagnação do movimento espírita, e às vezes até mesmo no seu retrocesso.

Os obscurantistas condenam a Educação Espírita, os Institutos de Cultura Espírita, os Cursos regulares de Espiritismo, a divulgação da Doutrina por meio de programas de rádio e televisão, a organização de sociedades jornalísticas, literárias, científicas e filosóficas no meio espírita, o desenvolvimento da música e demais artes espíritas, e chegam mesmo ao extremo de condenar o princípio fundamental de liberdade de iniciativa e realização no movimento espírita. Consciente ou inconscientemente, apoiados na lógica do absurdo, pretendem fazer do Espiritismo uma seita fanática, de tipo medieval e com estrutura totalitária, no sistema das igrejas. Nada seria feito no movimento espírita sem aprovação e ordem da cúpula cardinalícia.

Os culturalistas são os que compreendem a natureza cultural do Espiritismo, o seu sentido emancipador, decorrente dos princípios fundamentais de liberdade e responsabilidade. Kardec definiu claramente a posição do Espiritismo no processo cultural. Veja-se, entre outros tópicos, a sua explicação, logo no princípio de A Gênese, dos motivos por que o Espiritismo só pôde aparecer e ser codificado em meados do século passado. Era necessário o desenvolvimento das Ciências, o aprimoramento cultural, para que os homens pudessem compreender os princípios espíritas a partir da compreensão do ato mediúnico, do fenômeno espírita. Conan Doyle sustenta a mesma tese. Léon Denis chega a considerar o Espiritismo como uma síntese do Conhecimento. E todos os grandes autores espíritas do passado e do presente concordam no reconhecimento do Espiritismo como um fato cultural que assinala o aparecimento de uma nova cultura e portanto de uma nova civilização na Terra.

Os obscurantistas chegam ao cúmulo de negar o próprio valor do ensino. Reduzem o Espiritismo a uma espécie de seita salvacionista em que só vale o milagre. Não obstante alguns obscurantistas caem na contradição de alardear inteligência e cultura, o que se justifica pela pretensão tipicamente clerical de supremacia de uma casta dominante. São os novos clérigos, os únicos que estão capacitados a dirigir a turba de fanáticos destinados à ignorância perpétua. Se conseguissem o domínio que desejam não tardariam a aumentar suas luzes com novas fogueiras inquisitoriais.

Estamos num momento decisivo da batalha espírita na Terra. Se não compreendermos o perigo que nos ameaça e não reagirmos contra ele as trevas apagarão as luzes da Doutrina, como as trevas medievais apagaram o impulso cultural do Cristianismo, que só a reação renascentista conseguiu libertar após um milênio de atrocidades. É necessário que os espíritas acordem do comodismo institucional em que estão caindo. O Espiritismo é doutrina de liberdade e responsabili-

*dade. Cada qual é o único responsável por si mesmo. Cada Grupo e cada Centro tem a sua liberdade de ação. O movimento de unificação tem apenas a finalidade de congregar os esforços de todos para o trabalho comum, jamais o objetivo obscurantista de sujeitar o movimento espírita a um colégio cardinalício que em breve elegeria o seu papa.*

*A educação espírita é a arma adequada para a luta contra o obscurantismo. Porque a educação espírita proporciona a todos a formação cultural espírita, que praticamente ainda não existe em nossa terra. Por isso os obscurantistas se opõem ferozmente ao desenvolvimento da educação espírita e da cultura espírita em todos os seus aspectos. E por isso também os congressos livres incomodam os obscurantistas. A liberdade espírita é para eles um perigo.*

## ESCOLA PITORESCA

MARIA DE LOURDES NORONHA NIEBLE

(Professora e autora do livro  
"Desencontro")

### O PROFESSOR E O VELÓRIO

Estava muito difícil para José Carlos suportar mais um fim de semana naquelas paragens. — Programa fora de casa? — Chovia demais. — Dentro de casa? O desconforto e o treme-treme do fiapo de luz da lamparina tiravam o entusiasmo do maior fanático por leituras. Pensou nas suas colegas professoras que fabricavam, nessas situações, quase só pelo tato, infindáveis crochês, tricôs e frivolidês.

O rapaz só via um recurso: aceitar o convite de "guardamento" em casa do recém-falecido Seo Epaminondas ou Seo Nonda. Lá, haveria certamente os paliativos para essas horas tão longas e penosas: o quentão, as passocas, os bolinhos de milho, mais as cantorias tão freqüentes nessas ocasiões.

O moço entrou quando o quentão já havia sido servido várias vezes e as rezas e as ladainhas iam bem animadas, mesmo sem a voz costumeira do maior puxador de guardamento que fora Seo Nonda, agora ali esticado sob um lençol, recebendo por sua vez as preces e as homenagens que lhe eram devidas.

No primeiro quitute que lhe foi oferecido, José Carlos quase engasga com as palavras esta-

pafúrdias da Ladainha, que lhe entravam pelos ouvidos nas vozes fortes e rudes. Atentou naquela mistura de latim com língua pátria. Quase não se entendia. Alguém notou o ar atarantado do professor. Com respeito e solicitude apresentaram-lhe um velho missal com a Ladainha em latim:

— Pra seguir com a gente, se for de seu gosto, professor... *nóis tudo* sabe de cór...

De repente... Ah!... já era demais! Ouviase distintamente agora, a todo pulmão:

— Viva o pé de cana! Ora pro nobis!

— Onde está isto no livro? pergunta José Carlos ao seu vizinho de velório.

— Aqui, professor. Deve ser no cantinho desta *foia*, entre a varanda e o pote.

Qual não foi a surpresa do professor ao verificar que se tratava de: *Virgo Veneranda* (Virgem Venerável) e *Virgo Potens* (Virgem Poderosa) louvores à Virgem Maria, e entre eles, *Virgo pra-endicanda* (Virgem Louvável) que os caboclos ingenuamente deturparam e cantavam com toda a fé e respeito: — Viva o pé de cana!

## COM O POETA DAS CRIANÇAS

WALTER NIEBLE DE FREITAS

### NOSSA ESCOLA

Nossa escola é um jardim,  
As classes são os canteiros,  
As crianças lembram flores  
E os mestres, os jardineiros.

Antes de entrarmos na escola,  
Éramos simples botões,  
Mas o saber transformou-nos  
Em risonhas florações!

Do céu a planta recebe  
A luz, a chuva, o calor:  
Neste jardim recebemos  
Lições, conselhos e amor.

Bendita é a Escola que faz  
Ridentes nossos destinos;  
Qual Jesus, ela nos diz:  
"Vinde a mim os pequeninos"

### O "X"

Eu acho tão engraçado  
O *x* mudar de valor,  
Parece até o camaleão  
Que sempre troca de cor.

Na maioria das vezes  
O *x* soa como *chê*.  
*Xerxes, xícara, xarope,*  
*Xadrez e caxinguelê.*

Em *exame, exílio, exato,*  
Ele tem o som de *zê*,  
Esta letra é mais teimosa  
Do que o *saci-pererê*.

Em muitos casos o *x*  
Tem o valor de *cs*:  
*Sexo, fixo, anexo,*  
Desta maneira se lê.

É a letrinha mais indócil  
Entre todas do *á-bê-cê*,  
Em *trouxe, trouxe, auxílio,*  
Sua pronúncia é de *sê*.

Falta ainda o sibilante  
Que eu digo meio assobiado,  
Reparem nestes exemplos:  
*Expulso, extrato, explicado.*

Mas, apesar de tudo isto,  
O *x* eu vou defender;  
Quem conhece os seus "valores"  
Demonstra que sabe ler!

## O TEMPO NO MEU BOLETIM

9 a 10 — tempo excelente:  
Céu azul, sol luminoso;  
A mamãe sorri feliz,  
O papai está orgulhoso.

7 a 8 — clima firme:  
Elogios para mim;  
Papai e mamãe contentes,  
Bom tempo no boletim.

6 a 5 — tempo instável:  
Céu claro, não vai chover;  
Papai e mamãe sorrindo,  
Não há perigo a temer.

3 a 4 — nuvens pretas:  
Inspiram certos cuidados;  
Vejo papai e mamãe  
Com os semblantes nublados.

2 a 0 — santo Deus!  
Relâmpagos, trovoadas!  
Já posso ir cobrindo o lombo  
Que vem chuva de palmadas!

### INTELIGÊNCIA

— Eu fui sempre muito esperto,  
Dizia assim o Pedrinho,  
Com oito meses de idade,  
Comecei a andar sozinho!

— Pois eu era mais ainda,  
Logo responde o Conrado.  
Quando eu tinha a mesma idade,  
Só vivia carregado!

### QUADRINHA

Mãe — não há outro nome  
Mais doce, meigo e gentil;  
No entanto, posso escrevê-lo  
Só com três letras e um til.

## A EDUCAÇÃO DO ESPÍRITO

RIVADÁVIA MARQUES JR.

(Do Conselho Estadual de Educação  
— São Paulo)

*“A capacidade do homem terrestre é excessivamente reduzida, em face dos elevados poderes da personalidade espiritual independente dos laços da matéria.” (1)*

A frase em epígrafe dá-nos a dimensão específica em que deve ser formulada uma Filosofia da Educação compatível com a Doutrina Espírita.

Não é pelo fato de que a prática religiosa do espiritismo se propague, por responder aos anseios e frustrações da inteligência desguarnecida, que a educação espírita deve ser colocada simplesmente como um capítulo a mais, em acréscimo às formas tradicionais de educação religiosa.

Se assim fosse, um estudioso da História da Educação encontraria no comportamento da comunidade espírita apenas respostas novas, até mesmo extravagantes, diante das categorias usuais explicativas do comportamento religioso. E por isso não deixaria de atribuir a mesma dimensão assim como a mesma função terapeuta para os males que afligem a nossa tão sofrida humanidade, quão científica é a nossa civilização. Em outros termos, poderia ser uma forma nova para justificar o processo psicológico de fuga ou compensação, diante dos males que se acentuam

quanto mais acentuada for a distância entre a possibilidade média do homem e as exigências decorrentes do progresso material atingido pela nossa civilização.

A rigor, esta colocação do problema é inadequada às proposições básicas da Doutrina Espírita. Não há dúvida de que podemos nos servir do conceito de “continuidade” para situar o Espiritismo como confirmação da religiosidade entre os homens de todos os tempos, principalmente em nossa era que, aparentemente refratária às virtudes e à moral evangélicas, vive uma crise de religiosidade.

Talvez seja superficial a distinção entre religiosos e ateus, espiritualistas e materialistas, assim como outras do mesmo gênero. Teríamos uma outra compensação do problema se partíssemos dos obstáculos íntimos que o próprio homem se impõe, porque, afastados os aspectos exteriores das ações e proclamações, permanece um dado radical: — “Querem todos que Deus lhes pertença, mas não cogitam de pertencer a Deus.” (2)

Sob este ângulo da continuidade, a Doutrina Espírita retifica as balisas do comportamento religioso e amplia as dimensões da Educação, já que “... a religião assume aspecto enobrecido como ciência moral de aperfeiçoamento, para a mais alta ascensão da mente humana à Consciência Cósmica.” (3)

\* \* \*

A Educação Espírita deve ser entendida como a educação do espírito imortal encarnado; os seus postulados, os seus conceitos e os seus fins se assentam sobre a dimensão cósmica do espírito, a sua prática, os seus processos e métodos se condicionam aos limites da ação física, através das dimensões próprias da fase material da existência.

Não é preciso insistir na peculiaridade do tratamento pedagógico que os postulados do Espiritismo impõem; não satisfazem às exigências da doutrina os processos historicamente conheci-

dos que se assentam na mística da salvação, assim como são, ora insuficientes, ora inadequados, os conceitos que a Ciência vem historicamente elaborando para explicar o fenômeno humano.

\* \* \*

A rigor, a elaboração de uma Filosofia Espírita de Educação constitui um desafio para a inteligência humana. Não obstante tenhamos farta bibliografia sobre o “mundo espiritual” e até certa familiaridade com os “fenômenos espíritas”, assim mesmo ainda falta uma ampliação do nosso horizonte mental que comporte e abarque a natureza do espírito.

De qualquer forma, o conhecimento que temos a respeito ainda é uma forma de conhecimento, senão revelado, pelo menos ditado pelos espíritos desencarnados.

Agimos e pensamos em termos de uma compreensão finita da vida e da existência, ainda condicionados aos motivos e fatos que constituem um campo perceptual restrito. Neste caso, é necessário que se estabeleça uma disciplina à vida íntima, de sorte que o processo do pensamento evite os enganos de uma nova forma de antropomorfismo.

Em vez de condicionar os ensinamentos sobre a realidade espiritual às nossas estruturas mentais convencionais, mas já cristalizadas pela herança cultural, o processo inverso é que seria válido, para que a mente humana pudesse vislumbrar um universo mais amplo à sua frente.

O primeiro passo, cremos nós, consistiria em retomar a multiseccular lição da “douta ignorância” e aplicá-la à vida do espírito. E o que fez o homem, a respeito do universo físico, consistente na explicação finita de um mundo concebido como infinito, poderia fazê-lo para si próprio. O período entre nascimento e morte, isto é, a existência física e, portanto finita, seria o fenômeno, a explicar-se nos limites de sua finitude, sem que, con-

tudo, o conceito de vida e existência ficassem logicamente reduzidos à extensão ou duração do fenômeno.

## Bibliografia

1. Emmanuel, *O Consolador*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, Ed. FEB, 4.<sup>a</sup> ed., pág. 115.
2. Emmanuel, *Vinha de Luz*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, Ed. FEB, 2.<sup>a</sup> ed., pág. 84.
3. Emmanuel, *O Consolador*, pág. 158.

## A IGREJA E O SINCRETISMO RELIGIOSO

**A CNBB considera o Espiritismo como obstáculo à evangelização — Conclusões dos Bispos na reunião de Vila Kotska — O monopólio da cultura religiosa e os problemas da Cultura Espírita — A libertação do Evangelho**

O desenvolvimento do Espiritismo no Brasil está alarmando as religiões cristãs da área católica, da área protestante e da chamada área pentecostal. O Espiritismo já passou a ser encarado com mais seriedade pelas instituições de cultura religiosa, que até há pouco o encaravam com menosprezo, tratando-o como simples superstição enquadrada no rol dos “casos de polícia”. O instinto de conservação dessas instituições culturais despertou ante a evidência do nascimento de uma nova cultura em nossa terra. É um bom sintoma do progresso das idéias espíritas, como Kardec costumava dizer.

De uns dez anos para cá o Espiritismo está sendo introduzido nos currículos das escolas religiosas, e até mesmo dos seminários para formação de padres e pastores, não mais como produto malsão da ignorância popular, mas como elemento cultural que precisa ser conhecido e analisado. Vai longe aquele tempo em que o *Correio Paulistano* publicava o famoso anúncio: *Procuram-se pessoas para ajudar na campanha contra o Espiritismo. Não é preciso conhecer a doutrina.* Agora já se sabe que é preciso conhecê-la e tratá-la com seriedade. Progredimos, não há dúvida.

Professores espíritas têm sido convidados a dar aulas sobre a doutrina em escolas católicas,

protestantes e leigas. Isso a tal ponto que alguns professores se viram obrigados a recusar convites ou pedir adiamento das aulas, pois a sobrecarga avoluma-se constantemente. Essas aulas são dadas com inteira liberdade e seguidas de perguntas formuladas pelos alunos. Não é esse um verdadeiro sinal dos tempos?

A finalidade dessas aulas não é nem poderia ser a de levar o conhecimento espírita aos estudantes. Em primeiro lugar é adequar o ambiente escolar às exigências da atualidade cultural, de acordo com os métodos objetivos de exame e esclarecimento dos problemas do campo religioso. Em segundo lugar é colher dados concretos e vivos sobre a realidade espírita, de maneira a facilitar aos clérigos a orientação mais segura e eficaz de sustentar a luta contra a propagação do Espiritismo. Como nada temos a temer nem a esconder, pois não se põe a lâmpada em baixo do alqueire, os professores espíritas fazem bem de não se recusar a esses pedidos de aulas.

Na verdade, quanto mais aulas se derem sobre Espiritismo, nas escolas religiosas ou não, dentro do devido critério doutrinário, mais fortalecido sairá o movimento espírita. Porque, se o bom-senso é a coisa mais bem repartida do mundo, como queria Descartes, e se Kardec foi o bom-senso encarnado, como declarou Flamarion, e se o anseio atual da juventude é a busca da verdade através do raciocínio lógico e não dos sofismas teológicos, o Espiritismo só tem a ganhar quando exposto e examinado na sua realidade doutrinária. Até agora a doutrina foi combatida por meio de afirmações errôneas, de uma visão deturpada pelo preconceito religioso, e o que é mais grave, por meio de mentiras e calúnias. Se agora pretendem combatê-la de maneira digna e consciente, nada mais farão do que tomar aquela atitude que sempre reclamamos dos seus apaixonados adversários.

### **Na reunião de Vila Kotska**

O Sr. Carlos Ribeiro Guedes, de São Paulo, enviou-nos gentilmente um recorte do jornal

*Diário do Povo*, de Campinas, edição de 14 de outubro último, que traz minuciosa reportagem sobre a reunião de bispos e padres em Vila Kotska, pedindo-nos atenção especial para os trechos de uma entrevista do Padre Mauro Batista, da Congregação do Verbo Divino. Trata-se de um sacerdote ilustre, equilibrado, que sege a Cadeira de Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Foi ele precisamente quem convidou o diretor desta revista, Prof. J. Herculanopires, para dar seis aulas naquela cadeira, destinadas a cerca de seis mil alunos do curso básico da Universidade. O Padre Mauro e outros sacerdotes, além de algumas freiras, acompanharam atentamente as aulas, fazendo anotações a respeito e reunindo-se após cada uma delas para discutir a matéria sem a presença do professor. Fez questão de entregar a este um cheque de 500 cruzeiros para que ele o empregasse no que achasse melhor. A quantia foi totalmente empregada nos serviços assistenciais do Grupo Espírita Cairbar Schutel, de Vila Clementino.

Como se vê nos trechos de sua entrevista, o Padre Mauro Batista colocou bem, na reunião de Vila Kotska, o problema do sincretismo religioso afro-brasileiro, em que é de fato um especialista. Mas cometeu o erro de juntar o Espiritismo a esse quadro sincrético, embora o fizesse cautelosamente, referindo-se aos "últimos vinte anos". Isso prova que ele tem consciência de que o desenvolvimento das formas sincréticas no Brasil se processou à inteira revelia do Espiritismo, durante pelo menos três séculos da nossa formação. Sua honestidade intelectual se revela de maneira inegável. Ele não nega a responsabilidade da Igreja nesse processo e propõe, em lugar das campanhas injustas feitas até agora, um aprofundamento da Igreja no conhecimento do problema. Atitudes leais e dignas como essa provam que no seio mesmo da Igreja o Espiritismo se impôs à consideração dos homens sensatos pela força da sua doutrina. Pouco importa que elementos tipicamente

arruaceiros continuem a usar métodos antiquados contra o Espiritismo. Ficou bem claro na reunião de Vila Kotska que há uma abertura na Igreja para a compreensão mais realista do problema espírita. E isso graças ao que, senão ao conteúdo e ao sentido culturais do Espiritismo, que os clérigos sensatos e honestos têm forçosamente de reconhecer e respeitar.

### **Instinto de conservação**

Mas não nos iludamos com esses sintomas de modificação benéfica. As instituições religiosas dogmáticas e formalistas — como nos prova o exemplo vivo do Judaísmo ortodoxo — estão solidamente estruturadas em formas sociais, econômicas e políticas que são organismos vivos, dotados de poderoso instinto de conservação. A chamada cultura cristã, desenvolvida sob a égide da Igreja e por ela controlada através de gigantesco sistema educacional, que vai desde a catequese até às organizações universitárias, dispõe de recursos culturais e do prestígio da tradição para criar barreiras cada vez mais fortes ao desenvolvimento da Cultura Espírita, que como sabemos é a legítima cultura cristã ressuscitada pela mensagem do Consolador.

Até agora o Espiritismo enfrentou os ataques dessas instituições apoiado apenas em seus valores religiosos, decorrentes da fonte espiritual do Evangelho. A prática geral da caridade e o esclarecimento racional dos textos evangélicos foram as suas armas principais, como foram também as armas do Cristianismo Primitivo na sua luta contra a asfixia das religiões mitológicas e da tradição romana em que se apoiavam. Mas assim como o Cristianismo teve de sair do campo puramente moral para enfrentar a cultura judeu-pagã em seu próprio campo e com as suas próprias armas, o Espiritismo vê-se agora na contingência de enfrentar a cultura judeu-cristã, profundamente impregnada de elementos pagãos, no seu próprio campo, ou seja, no campo cultural. Sem o desenvolvimento da Cultura Espírita, que necessita,

para isso, da criação do seu sistema educacional próprio, o Espiritismo poderá ser envolvido no processo do moderno sincretismo religioso. Essa manobra envolvente vem de longe e está ainda bem presente e atuante na posição atual dos líderes religiosos.

Manter o Espiritismo em situação cultural de marginalismo é evidentemente negar o seu conteúdo cultural e relegá-lo ao submundo do fanatismo popular. A situação é das mais curiosas porque, como sabemos, a própria Igreja é um exemplo histórico inegável do mais espantoso sincretismo religioso já verificado na luta pela cultura, o que vale dizer pela emancipação cultural do homem. A Igreja nasceu da mistura de elementos judeus e pagãos com os princípios cristãos. Esses elementos estão bem visíveis na sua estrutura atual e já foram suficientemente estudados e rigorosamente analisados no plano universitário. Até mesmo os pesquisadores religiosos mais honestos não escondem a presença de elementos rituais do judaísmo e do paganismo na liturgia católica, bem como de elementos teológicos de várias procedências na Teologia Católica.

Alguns desses elementos — como as vestes sacerdotais, a tonsura, o culto às imagens, as procissões, o batismo, as bênçãos por aspersão (resíduos do culto fálico de antigas religiões) e resíduos mágicos como o poder conferido ao sacerdote de abrigar o próprio Deus a se transubstanciar no sacramento da eucaristia (momento em que o sacerdote é superior a Deus) — estão sendo atualmente submetidos a um processo difícil de revisão, processo que encontra naturalmente muitas e graves oposições. O mito de Cristo, em que se mistura o messianismo judeu à doutrina grega do Logos, é o ponto central, o momento crucial desse processo de sincretismo que se consolidou através do milênio medieval, tão rico de episódios sincréticos.

Assim, as anotações do Padre Mauro Batista sobre o Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro podem ser ilustradas com os exemplos do mesmo

processo de sincretismo de que resultou o Catolicismo. Longe de nós, porém, a intenção de condenar a Igreja por toda essa gigantesca mistura. O próprio Jesus reconheceu a sua necessidade histórica ao propor no Evangelho a parábola da porção de fermento que se põe numa medida de farinha para levedar a massa. Historicamente, a massa do mundo pagão só poderia ser elevada pelo fermento do Evangelho, que para isso teria de misturar-se com a farinha da cultura judeu-pagã.

### Revelação universal

Reconhecendo, porém, a legitimidade do processo sincrético, não esqueçamos a promessa de Jesus de que, na hora oportuna, o Espírito da Verdade viria restabelecer todas as coisas no seu verdadeiro sentido e conduzir o homem a toda a Verdade. Por isso, precisamente por isso, o Espiritismo (Doutrina do Espírito da Verdade) veio na hora oportuna, não em forma de uma Revelação pessoal e local, como ensina Kardec, mas na forma ampla e dinâmica de uma Revelação Universal — dada pelos Espíritos Superiores em todo o mundo — para restabelecer o Evangelho em espírito e verdade. Por isso também o Espiritismo não surgiu como uma nova seita religiosa, mas como uma nova Ciência, a Ciência do Espírito, destinada a complementar a Ciência da Matéria que se desenvolvera em oposição ao Cristianismo. Nessa Ciência Nova a Revelação supera o seu sentido clássico. Não é mais pessoal, ditada por um homem-deus, nem local, dada a um determinado povo em determinada nação, mas universal, franqueada a todos em toda parte.

Kardec não apresentou o Espiritismo como nova religião, mas como *um auxiliar das religiões*, como se vê em *O Que é o Espiritismo*. Mas as religiões institucionais, poderosamente organizadas segundo o sistema secular, rejeitaram o auxílio do Espiritismo e expulsaram os espíritas de suas congregações. Só então Kardec admitiu que os espíritas “deviam seguir o seu próprio cami-

no”, mas jamais admitindo que se fizesse do Espiritismo uma nova igreja com toda a sistemática litúrgica habitual. Graças a isso o Espiritismo se manteve fora do campo formal do sincretismo religioso. Mesmo filosoficamente, como vemos nos prolegômenos de *O Livro dos Espíritos*, a Filosofia Espírita conservou-se *livre dos prejuízos do espírito de sistema*, o que a coloca em evidente atualidade no campo filosófico dos nossos dias.

Como se vê, tentar incluir o Espiritismo na área do sincretismo religioso é forçar a mão, negligenciar a sua história real, responsabilizá-lo por um processo ao qual ele se manteve inteiramente alheio desde o seu aparecimento até hoje. Quando o Padre Mauro Batista limita o sincretismo espírita aos últimos vinte anos comete um engano. O Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro teve seu início no século XVI, com a vinda dos primeiros negros africanos ao Brasil. Desenvolveu-se lentamente através dos séculos subsequentes na ausência absoluta do Espiritismo, que só apareceu no Brasil em fins do século XIX, e assim mesmo restrito às elites culturais, pois só quem sabia ler francês podia tomar conhecimento da sua doutrina. O que houve “nesses últimos vinte anos” não foi a mistura do Espiritismo com as formas sincréticas já desenvolvidas e amadurecidas, mas apenas uma influência benéfica do Espiritismo em certas áreas do sincretismo, em geral nas grandes cidades, nas regiões mais civilizadas, para lhe dar uma orientação racional e levar-lhe a mensagem evangélica, que em geral lhe faltava.

O sociólogo francês Helly Chatelain fez pesquisas na África sobre as religiões primitivas que o tráfico negreiro trouxe ao Brasil. E conseguiu apurar, nessas pesquisas, que essas religiões primitivas já vieram ao Brasil misturadas com duas religiões superiores: o Islamismo e o Catolicismo. Porque a invasão islâmica da África e a catequese católica infiltraram nas religiões africanas elementos daquelas religiões, muito antes que elas fossem transportadas ao nosso país. Esse é um

fato que se comprova na própria análise dos elementos do Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro, desde as pesquisas de Nina Rodrigues até à dos sociólogos atuais.

### Contribuição

Ao reproduzir em nossa revista os trechos principais do material publicado pelo *Diário do Povo*, de Campinas, com a devida vênia, queremos também oferecer ao Padre Mauro Batista os elementos que certamente lhe faltaram para distinguir, como é de boa regra, entre religiões primitivas em mistura com religiões tradicionais, de um lado, e de outro lado uma doutrina científica e filosófica moderna, que surgiu na França em meados do século XIX, que tem, como ensinou Kardec, conseqüências religiosas inevitáveis, mas não se constitui propriamente numa religião setária e dogmática, institucionalizada em forma de igreja. Por outro lado, oferecemos aos espíritas estudiosos informações que nos parecem de importância fundamental para poderem compreender a necessidade urgente de intensificarmos a luta pelo desenvolvimento da Cultura Espírita no Brasil, com apoio na Educação Espírita que já floresce naturalmente entre nós da maneira mais auspiciosa.

Aprimorar as escolas espíritas, definir com segurança os rumos da Pedagogia Espírita, lutar para que o estudo do Espiritismo se amplie em conexão com os conhecimentos atuais em todos os campos (não fazendo do Espiritismo um setor isolado, espécie de seita religiosa obscurantista e inimiga da cultura) e colaborar para o advento da Universidade Espírita que será o foco de irradiação de toda a cultura nova que a doutrina oferece ao novo mundo que está nascendo — eis as tarefas que cabem a todos os espíritas conscientes nesta hora de transição. Se as religiões dogmáticas se fizeram donas da cultura no passado e levaram o mundo ao materialismo, cabe agora ao Espiritismo não se colocar na posição monopolis-

ta que ele sempre recusou, mas empregar todo o esforço necessário para que a verdadeira Cultura Cristã seja implantada na Terra.

## A Reunião dos Bispos

Passemos à descrição da Reunião dos Bispos e à entrevista do Padre Mauro Batista, reproduzindo o texto publicado pelo *Diário do Povo*, de Campinas, que é o seguinte:

O sincretismo religioso, muito mais que um obstáculo à evangelização cristã é um desafio à Igreja que está empenhada em transmitir a mensagem evangélica a partir de uma realidade concreta. Esta declaração é dos bispos reunidos em Vila Kotska, Itaiçi, município de Indaiatuba, na Segunda Assembléia Geral Ordinária da Comissão Episcopal Regional Sul I, da CNBB.

O sincretismo religioso foi o assunto principal do tema de ontem: "Evangelização do Mundo Contemporâneo", que suscitou o interesse e a preocupação do clero, visto o crescimento das formas de cultos sincréticos no Brasil. Os resultados dos estudos que estão sendo feitos entre os bispos serão levados a Roma no próximo ano, no Sínodo dos Bispos.

Participam ainda da Assembléia que se encerrará amanhã, além dos 29 bispos entre residenciais e auxiliares das 27 dioceses do Regional Sul I, coordenadores diocesanos de pastoral, Comissão Regional de Presbíteros, CRB Regional, Caritas Regional e 20 assessores, convidados especiais representando o laicato, em especial os movimentos familiares.

A Assembléia iniciou-se com missa presidida pelo cardeal arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns e concelebrada por todos os bispos e sacerdotes presentes. A abertura foi feita por D. Arns que colocou em discussão a pauta de trabalhos.

## TEMAS

Os temas apresentados foram: A Evangelização no Mundo Contemporâneo, testemunhar a fé em pureza e unidade, critérios pastorais para encaminhamento do projeto de revisão de limites das dioceses, ano da Família, rogações, ano santo,

orientações pastorais sobre a Eucaristia, relatório sobre o andamento do Plano Bienal. Foram acrescentados a estes outros assuntos como filosofia e teologia no Seminário Central do Ipiranga, o ensino religioso nas escolas de segundo grau e assuntos litúrgicos.

O secretário especial da Assembléia, eleito, é D. José Thurler e a coordenação está a cargo da comissão representativa composta por D. Paulo Evaristo, D. Bernardo José Bueno Miele, D. Vicente Marchetti Zioni, D. Davi Picão, D. Cândido Padim e do secretariado geral sob a coordenação de monsenhor Mauro Morelli.

## CONHECIMENTO MAIS PROFUNDO

Para o padre Mauro Batista, da Congregação do Verbo Divino, especialista em sincretismo religioso, a Igreja deve aprofundar seus conhecimentos sobre as suas causas e conseqüências e jamais combater o seu infiltramento crescente na sociedade.

— O sincretismo religioso, entre nós — declara — é formado — seja no conjunto de suas crenças, seja no complexo de seus ritos e práticas, de elementos diversos, derivados das diversas religiões e formas de religiosidade encontradas em nossa pátria. Essas formas não só se justapõem mas fundem-se e amalgamam-se entre si, originando-se daí novos grupos e novas expressões religiosas. Esse sincretismo se manifesta claramente na diversidade de cultos como a umbanda, candomblé, macumba, as várias formas do espiritismo Kardecista em muitas atitudes, crenças e expressões do assim chamado “catolicismo popular”.

## CAUSAS

Analisando as causas do crescimento numérico dos cultos e sua influência crescente sobre os católicos, o padre Mauro chegou à conclusão de que entre outras são estas as causas: modismo, função terapêutica destes cultos e integração das pessoas em pequenas comunidades.

O modismo — disse — propaga-se pelas músicas populares em programas de rádio, TV, com a repetição de chavões usados nos cultos afro-brasileiros.

O que estas sessões de macumba ou umbanda conseguem em termos de atração pública deve-se

à identificação entre as pessoas, aos agrupamentos homogêneos e integrados, o que não ocorre nas paróquias. Nos pequenos grupos de cultos sincréticos as pessoas se integram e sentem "um bem-estar" bastante característico, uma espécie de terapia, pois quem passa a freqüentar estes ambientes busca conforto, ânimo, esperança em vista de situações problemáticas.

Segundo o conferencista, formado em Misologia pela Universidade Gregoriana de Roma, laureado sobre Cultos Sincretistas Afro-Brasileiros, grande percentual dos que freqüentam estes cultos é integrante de classe sócio-econômica elevada.

Na vida prática este sacerdote passou dez anos no serviço da periferia de São Paulo, fazendo hoje parte da Capelania da PUC de São Paulo. Através de equipes de alunos estudiosos desta matéria e de pesquisas que constantemente realiza, padre Mauro vai elaborar documento sobre sincretismo religioso que servirá de subsídios à Igreja.

## ELEMENTOS CONSTITUTIVOS

Resumindo, ele fala dos elementos constitutivos do sincretismo religioso no Brasil. Entre as formas religiosas de variada procedência enumeram-se: crenças religiosas de origem caboclo-ameríndia, africana, do catolicismo, do espiritismo Kardecista.

Nas crenças religiosas de origem caboclo-ameríndia encontram-se elementos derivados dos antigos cultos religiosos dos índios brasileiros e conservados, de algum modo, por grupos populacionais caboclos. Dois cultos existentes ainda no Brasil, especialmente nas regiões Norte-Nordeste, que guardam ainda muitos elementos ameríndios: a pajelança amazônica, e o catimbó do Nordeste. Certas formas de candomblé, de caboclo, conservam também impregnações maiores ou menores desses antigos cultos indígenas.

A contribuição africana é imensa nas crenças religiosas como candomblé, macumba, umbanda e vieram sobretudo com os escravos sudaneses ocidentais (Nigéria e Daomei) e bantos (Angola, ex-Congos, Moçambique).

Por séculos o catolicismo foi a religião oficial do Brasil. Muito acentuados no catolicismo brasileiro, foram os cultos dos santos e a recepção de alguns sacramentos de forte cunho social, como o batismo, o matrimônio, certas práticas como procissões, peregrinações e promessas.

A influência das formas e crenças derivadas do Espiritismo Kardecista tornou-se notória, especialmente nos últimos 20 anos. Além disto, existem também elementos mágicos-religiosos das mais diversas procedências e a fusão desses diversos elementos no decorrer dos tempos com os múltiplos contatos das diversas camadas da população, produziu e ainda está produzindo esse grande sincretismo religioso que caracteriza muito a religião popular brasileira.

### ENCONTRAR PISTAS

Os bispos disseram que a Igreja do Estado de São Paulo está empenhada em aprofundar o conhecimento dessa situação descobrindo-lhe os valores e contra-valores, encontrando pistas e encaminhamentos que a levem a uma ação pastoral eficiente dentro desse contexto.

Padre Mauro acha que a Igreja precisa conhecer o "ethos religioso brasileiro" mais profundamente.

— Estão faltando no Brasil estudos mais aprofundados por parte de sociólogos sobre o sincretismo religioso, que poderia levar a população a maior desenvolvimento.

Padre Boim, de Jaboticabal, é da opinião que a Igreja não deve criticar estas formas de cultos religiosos e sim, partir para a conscientização dos católicos, que deixam cada vez mais a Igreja para as sessões de religiões sincréticas.

— A realidade é outra, hoje, — declara. — Como antes os brasileiros já nasciam dentro de formação católica e cresciam nela, praticamente não conheciam outras formas de religiões e o catolicismo lhes bastava. Agora, com a maior importância que a Igreja dá à fé autêntica e à desmistificação de certas práticas, muitos tendem a abandonar a religião de berço. Isto deixará de ocorrer, afirma D. José Varani, bispo de Jaboticabal, quando o católico se conscientizar da verdadeira fé em Cristo e na valorização de aspectos mais anteriores e espirituais da religião.

Encontrar uma forma de atuar de maneira a levar os católicos a uma ação pastoral eficiente é o que preocupa o clero no momento.

### Nossas conclusões

Os Bispos e Padres reunidos em Vila Kotska apreciaram, segundo esse relatório do *Diário do*

*Povo*, de Campinas, apenas os aspectos exteriores do Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro. Não são os modismos, elementos folclóricos que inspiram músicas populares e marcam programas de rádio e TV, nem a função terapêutica dos cultos sincréticos e nem a integração de pessoas em pequenas comunidades que respondem pela expansão do sincretismo. Todos esses elementos caracterizam o catolicismo popular brasileiro desde as suas origens, mas é evidente que perderam a sua eficácia em virtude de fatores exógenos, como sejam o crescimento populacional, o desenvolvimento industrial e cultural do país, a variada contribuição da imigração estrangeira, a revolução dos meios de comunicação, facilitando informações que modificaram a mentalidade popular, integrando-a massivamente na dinâmica dos novos tempos.

Mas o motivo principal não foi lembrado, ou pelo menos não foi mencionado na reportagem. Esse motivo básico é o anseio de novas dimensões conceptuais que marcaram as novas gerações, de maneira progressiva, a partir do início do século. O catolicismo brasileiro continuou encravado no sistema patriarcal e não pôde atender às novas aspirações do povo. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento espiritual do homem atual, que reclama explicações racionais dos antigos mistérios, não podendo mais conformar-se com a fé ingênua do passado, e que exige o esclarecimento dos fenômenos psíquicos (violentamente intensificados nos últimos tempos) eis o ponto central da questão.

O Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro, por suas condições primárias, não tem capacidade para atender a essas exigências. Mas por suas condições naturais, mais ligado à realidade viva dos fatos, oferece maiores possibilidades de integração do homem na comunidade humana. As condições primárias do Sincretismo decorrem da natureza primitiva das religiões ameríndias e africanas que nele se misturam. Esse atraso cultural, porém, é compensado pela eclosão das forças vitais e das energias espirituais que extravasam

da mediunidade natural (do mediunismo) oferecendo às criaturas ansiosas a oportunidade de contato real com as fontes do espírito.

As religiões formalistas e dogmáticas isolaram o homem de si mesmo, enredando-o nos seus sistemas artificiais, submetendo-o a exigências ilógicas e antinaturais. O agnosticismo e o materialismo negaram-lhe as mais profundas de suas aspirações. Coagido pelas ameaças da religião tradicional e mutilado em sua própria alma pela negação do sentido da vida, ele se sente mais do que nunca desligado de Deus. O sincretismo lhe proporciona uma esperança através de seus elementos mágicos, da manifestação de poderes estranhos que o religam a si mesmo, aos outros, às forças profundas da natureza humana e consequentemente a Deus, a fonte misteriosa que o gerou. O Sincretismo realiza o que competia à religião: *religa-o*.

Mas como o Sincretismo não lhe pode dar os elementos culturais que o religuem ao Saber, que o reintegrem na comunidade pensante, ele tenta essa reintegração por um destes caminhos: adicionar ao Sincretismo os elementos possíveis da cultura em que se formou, dando-lhe um aspecto superior, embora falso, que resulta na fabulação da Umbanda Mística, de procedência pretensamente indiana e não africana, ou buscando explicações nas várias correntes espiritualistas, entre as quais facilmente se depara com o Espiritismo. É sobretudo nas fases de angústia, de desespero, que a mensagem espírita lhe toca o coração e tranqüiliza o espírito. Por isso os pesquisadores religiosos chegam à confusão do Sincretismo com o Espiritismo. Falta-lhe a isenção de ânimo necessária para compreenderem que no Sincretismo só existe o fenômeno, o fato natural que as religiões artificializaram ou negaram, enquanto no Espiritismo esse fato é analisado e explicado em termos científicos e filosóficos, restabelecendo o seu exato lugar no plano da cultura.

Essa também a razão da proliferação das seitas pentecostais, que não se conformam com a

frieza interior da magia católica nem aceitam a frieza literal e exterior do Protestantismo. O Pentecoste é o caminho de volta ao Cristianismo Primitivo, iluminado pelas línguas de fogo, diferente dos caminhos intelectuais de Lutero e Calvino, onde o homem se vê sozinho ante o emaranhado das letras sagradas ou em face da predestinação, sem sequer o consolo de poder orar pelas almas queridas. Os que se contentam com as manifestações mediúnicas rudimentares acomodam-se nas seitas pentecostais.

Mas outro desafio se coloca, mais recentemente, diante da Igreja e dos peritos da CNBB, que parecem não o haver sequer percebido. É a invasão das seitas japonesas, com seus deuses ancestrais e suas preces mágicas, tipos de religião primitiva, também ligadas aos fenômenos naturais do mediunismo. Pouco a pouco elas se infiltram em nosso povo, arrastando muita gente, não só para longe da Igreja, mas também para longe do Cristianismo. Já há alguns vagos sintomas de sincretismo na proliferação dessas seitas. Preces em japonês, decoradas e recitadas com exaltação por pessoas simples, que nada entendem da língua, misturam-se às vezes com o Pai Nosso e a Ave Maria. As linhas estranhas do Pentecoste são substituídas pelo japonês. E como os espíritos ocupam também o seu lugar nessas manifestações, logo estarão culpando o Espiritismo por mais essa novidade.

Se os Bispos e os Padres da CNBB quiserem aprofundar o estudo dessa situação, quiserem mergulhar no "ethos religioso brasileiro", como Descartes mergulhou no *Cógito*, terão de fazer exatamente como o filósofo, ou seja, despir-se de todos os seus preconceitos para buscar, a verdade nua no fundo do poço. Porque só há um caminho para as religiões cristãs nesta hora do mundo: a volta ao Cristo através dos dons espirituais de que Paulo tratou na I Espístola aos Coríntios. O mesmo caminho que o Espiritismo aponta aos que desejam integrar-se no espírito do Evangelho, superando as barreiras da letra que mata.

Não pretendemos que essas religiões se tornem espíritas, pois não somos salvacionistas, mas desejamos que reencontrem o sopro do espírito nas velhas páginas desse pequeno livro que, apesar de tão mal compreendido, transformou o mundo. Para que essa transformação se consuma, como deve, é necessário que os cristãos se lembrem de que as palavras de Jesus são de vida e não de morte e que o símbolo da cruz, a imagem do Deus crucificado, deve ser substituído pela imagem viva do Deus ressuscitado.

Reclama o Padre Mauro “estudos mais aprofundados por parte dos sociólogos sobre o sincretismo religioso”, em nosso país. Os estudos desenvolvidos em nossos meios universitários já revelaram toda a estrutura do Sincretismo e não podem ir além disso. Não é à Sociologia que cabe esse aprofundamento, mas aos que se dedicam à História e à Psicologia das Religiões. O aspecto sociológico do Sincretismo se esgota na investigação estrutural do fenômeno e da sua dinâmica social. Mas os motivos profundos do Sincretismo não estão no plano das relações humanas; estão nos recessos da alma popular, naqueles *instintos espirituais* a que se refere Kardec. A Sociologia Espírita do Futuro, ou a Parassociologia, se o quiserem, investigando as formas psico-sociais das relações entre homens e espíritos poderá aprofundar o assunto. Mas, por enquanto, nada se pode esperar dos sociólogos nesse sentido. Que Deus auxilie os Bispos e os Padres bem intencionados.

## PORQUE NÃO TEMOS UM MOVIMENTO UNIVERSITÁRIO ESPÍRITA?

OLÍMPIO MENEZES

(Do Grupo Espírita de Estudos Pedagógicos — São Paulo.)

NOTA PRÉVIA — O *porque* do título é advérbio interrogativo de causa e não pode ser dividido em duas palavras. E' o que preceitua a Nova Nomenclatura Gramatical. Um erro do Vocabulário desencadeou a maior confusão nesse assunto e todos entraram na fila, dividindo o *porque* nas frases interrogativas. Eliminaram o advérbio. O que é absurdo.

A tentativa de se fundar um Movimento Universitário Espírita redundou em amarga frustração para nós todos. O MUE de São Paulo esfaceceu-se em pouco tempo, de triste maneira. Havia surgido carregado de esperanças mas não resistiu às primeiras investidas de um Quixote que veio do Norte montando o Roncinante da Filosofia, mas sem a companhia gorducha de Sancho. Quixote sem Sancho é cavaleiro sem pagem. Arremeteu-se ele com sua lança contra os moinhos de vento de uma juventude despreparada e logo a esparramou em pedaços, soprando-lhe a poeira aos ventos. Bastou um curso duvidoso para que ele esmigalhasse a turminha do MUE.

Depois dele surgiram alguns bravos rapazes querendo recompor os moinhos destróçados. O Quixote desaparecera na linha do horizonte e con-vinha tentar de novo. Mas a rapaziada era tam-bém quixotesca e faltava, para cada um deles, a companhia barriguda de Sancho, contrapeso de bom-senso nas arrancadas furibundas do herói manchego. Tivemos de assistir a uma batalha da moderna quixotesca em termos de fogos de arti-fício. Muita gente ficou deslumbrada com os fo-gos, mas tudo se apagou no episódio tristonho que foi a expulsão do MUE do seio da USE.

Não pensem os leitores que estou de um lado ou de outro. Nem com o MUE, nem com a USE. Acho que dos dois lados faltou uma coisa muito importante que se chama Formação Espírita. Se me refiro ao fato em tom humorístico é porque ele foi realmente humorístico. Não faço ironia, mas registro o acontecimento nos tons que me parecem mais reais, para que fique registrado em forma de advertência. E se trato deste assunto aqui, nesta revista, é pelo simples motivo de achar que estamos lidando com um problema estreita-mente ligado à Educação Espírita.

O Quixote do Norte atacou a juventude paulis-ta, ou melhor, os seus moinhos de vento, no ponto mais fraco de sua convicção espírita: a Filosofia. Deu um curso de Filosofia por conta própria e liquidou a rapaziada. Filhos de espíritas, criados em lar espírita, viram suas convicções esvaírem-se em poucos segundos quando o Quixote mostrou que o Espiritismo não tinha (lá para ele) consis-tência filosófica. Suas cutiladas eram desnortean-tes, abrindo buracos de dúvida na aparente cou-raça da nossa bisonha juventude espírita. De dú-vida em dúvida, de buraco em buraco, o Quixote acabou por levar a rapaziada ao ceticismo. Aca-bou-se o MUE.

Os rapazes que pretenderam reagir e reorga-nizar o MUE perderam-se num delírio reformista. Queriam virar tudo pelo avesso. Até o teatro de palavrão devia substituir as peças ingenuamente moralizantes de Leopoldo Machado, os Centros

Espíritas deviam submeter-se a uma nova filosofia que traziam na manga das *japonas* e a evangelização melodramática, tão ao gosto do religio-sismo febiano, devia transformar-se numa espécie de demagogia política amparada no travesti dos *estudos sociais*. Era dose para elefante e até mesmo a turma do *deixa disso*, com alguns basbaques de queixo derrubado ante a genialidade dos garotos, acabou se amedrontando.

Tudo isso o que indica senão a falta lamentável de *formação espírita*, essa mesma falta que permitira a um Quixote sem Sancho Pança esmigalhar o MUE esperançoso da Paulicéia? Falta, portanto, de Educação Espírita, única maneira de se garantir o desenvolvimento de uma verdadeira consciência espírita nas novas gerações. Bem sei, bem sei, amigo leitor, que os rapazes tinham boas intenções! Mas é aquela velha estória: de boas intenções o inferno está cheio, o que em linguagem espírita poderiam traduzir assim: de boas intenções as zonas umbralinas andam fervilhantes.

Boas intenções sem o controle do bom-senso e sem conhecimento doutrinário, sem *formação espírita*, podem ser simples instrumento da vaidade a criar perturbações por toda parte, a provocar obsessões e até fascinações no meio espírita. A prova está aí, bem clara, nesse quadro que procurei pintar a cores vivas, sem as medidas clássicas, de acordo com o que preceitua a arte mais moderna das pinceladas ao correr do pincel.

### Falando mais sério

Tudo o que aí ficou é assunto muito sério. Mas procurei contar a coisa de maneira a não impressionar muito as almas cândidas, que são muitas em nosso meio. Agora vou tratar do assunto de modo mais sério. Vou tentar mostrar a razão secreta (embora evidente) de tudo isso. Explico-me: secreta para as almas cândidas, que são maioria, e evidente para a minoria que sabe analisar os fatos na base da realidade.

Falando sério, posso apontar os seguintes motivos para a nossa impossibilidade de manter um movimento universitário de verdade:

1.º) Os jovens espíritas, mesmo os nascidos em lares espíritas, nunca tiveram a oportunidade de receber uma verdadeira educação espírita. Cresceram ouvindo falar em Espiritismo, tornaram-se espíritas como os filhos de católicos e protestantes se fazem seguidores passivos das religiões de seus pais. Receberam — às vezes — aulas de *catecismo espírita* em casa, no Centro ou na Federação. De outras vezes não receberam nada, porque os pais entendiam que as crianças não devem sofrer pressão alguma na escolha de seu caminho religioso. Misturavam orientação com pressão, confundiam germano com gênero humano. Essa confusão dos pais deu como resultado a insegurança dos filhos. Os pimpolhos cresceram com uma visão deficiente da doutrina. Tornaram-se espíritas por tradição e por emoção. O Espiritismo, para eles, é uma religião como qualquer outra, uma religião entre as religiões.

2.º) Até o fim do ensino médio esses adolescentes conseguiram manter-se em suas convicções superficiais, alimentadas pelo exemplo dos pais, pela sujeição emocional à família. A hostilidade geral ao Espiritismo ajudava-os a se manterem na posição herdada, pois há sempre um gostinho de heroísmo em se poder enfrentar a opinião alheia e escandalizar a maioria. A chamada rebeldia da adolescência os ajudava nessa posição de desafio à maioria. Ser espírita, afinal, era ser diferente, era poder assustar os outros com histórias de fantasmas. Qual o adolescente que não se agrada com isso?

3.º) O salto que se dá, em nosso sistema escolar, do ensino médio para o universitário, é um salto sobre o abismo. Uma coisa contrária às leis naturais, pois a natureza não dá saltos. Tudo se faz, na natureza, por sucessão natural de fases, mesmo quando se trata do chamado *salto qualitativo*. Mas em nosso sistema de ensino não é assim.

De repente os rapazes e as moças são lançados ante um currículo sofisticado, têm de se debruçar sobre manuais e tratados de terminologia arrevezada, defrontam-se com professores que tentam arrastá-los para uma ordem de idéias com que jamais haviam sonhado. Uns se assustam e recuam, outros se deslumbram e se envaidecem, passam a considerar-se amadurecidos. Daí a se colocarem na posição cômoda e gostosa de juízes dos pais não há salto nenhum. É questão apenas de um passo.

4.º) O ingresso numa Faculdade, em geral, faz a mosca azul entrar na cabeça dos jovens. Isso é tão evidente quanto eles mudam por completo sua linguagem, comportamento e atitudes. É natural que isso aconteça, pois o mundo se modifica para eles e essa modificação os abrange, porque eles sobem de posição ante os outros e ante si mesmos: são *universitários*. O mal não está nesse envaidecimento, que é uma espécie de sarampo, uma doença juvenil do mundo estudantil. O mal está na vaidade e particularmente na arrogância dos mestres, que na maioria se consideram sábios. Há professores que se definem bem por aquela expressão de um aluno ao contemplar o professor sentado em sua cátedra sobre o estrado: "Eis uma montanha de sabedoria diante da planície da burrice!" A vaidade universitária é contagiosa. A ironia desse aluno revela o seu próprio despeito. Amanhã será ele a montanha.

5.º) Os nossos currículos universitários são ilusórios. Exigem muito e dão pouco. Os estudantes mergulham a cabeça em latas de verniz e se julgam ungidos pela deusa da Sabedoria. Tomam a nuvem por Juno, o verniz pela substância do saber. E como o saber universitário é *positivo*, é o saber *provado*, não obstante o mito da dúvida, segundo o qual nada está definitivamente resolvido, os adolescentes se convencem de que somente nesse saber existe realmente verdade e certeza. Mas o pior é que esse saber é voluntariamente mutilado, reduzindo-se ao aparente, ao sensível, ao

material. O dogmatismo materialista se impõe, mesmo quando o dogmatismo religioso das Universidades particulares o acompanha, em geral de maneira submissa. Os adolescentes se deixam fascinar pelo falso brilho dos *gênios* que encontram nos tratados e de seus satélites que fulguram nas cátedras. E logo percebem que as superstições dos pais, as ingenuidades a que eles se apegam não podem enfrentar a luz forte do ensino universitário, da cultura acadêmica.

6.º) Os estudantes espíritas, que não conhecem a sua própria doutrina, não encontram recursos para sustentar suas convicções em face da sabedoria dos mestres universitários. Muito menos para enfrentar a opinião universitária, que não é só dos mestres mas também dos alunos mais estudiosos e capazes. Surgem as dúvidas, os problemazinhos de sempre, já mil vezes resolvidos nos debates iniciais da própria doutrina com a cultura acadêmica, há mais de um século de propagação espírita irrefreável em todo o mundo. E os jovens engaiolados em seu meio universitário, nada vendo além dele, acabam por considerar o Espiritismo superado pelo avanço das ciências. Nesse caso, a maioria simplesmente se afasta da doutrina e outros começam a se esforçar para adaptar o Espiritismo à cultura acadêmica.

7.º) O conflito Ciência-Religião atira a última pá de terra. Os jovens que só viram no Espiritismo uma forma de religião passam a considerá-lo como pertencente ao cortejo das seitas em que o fanatismo substitui a razão. Não querem ser olhados pelos colegas como aves estranhas na paisagem universitária. Começam a ter vergonha de se dizerem espíritas, a considerar que existe um conflito insanável entre o Espiritismo e o saber universitário. Não podem provar, por falta de conhecimento — por falta de formação espírita verdadeira — que a Ciência Espírita é uma forma de desenvolvimento da Ciência Materialista e que esta última está avançando irrevogavelmente para as posições avançadas que o Espiritismo já

conquistou há mais de um século. Daí a defecção decisiva de uns e a semidefecção de outros que começam a pôr remendos de pano velho nos supostos rasgões do vestido novo. Violam a proibição evangélica em sentido contrário. E desfiguram o Espiritismo, certos de que o estão enfeitando.

### Vamos à conclusão

Não se diga que estou jogando com hipóteses. Os fatos já foram relatados no início desta crônica. São fatos e não hipóteses. O Quixote sem Sancho e sem Dulcinéa, trotando apenas em seu Roncinante esquelético, declarou em seu curso de filosofia (com f minúsculo) para os jovens do MUE, que nada estava provado no Espiritismo a não ser para os próprios espíritas. Que tudo era dúvida quanto à sobrevivência espiritual e mais ainda no tocante às comunicações mediúnicas. "Provou", naturalmente por conta da sua ignorância e da ingenuidade alheia, que a busca da verdade no Espiritismo não passava de um ledó engano, pois ninguém procurava provar nada e todos haviam aceitado as interpretações espíritas de olhos fechados. Mostrou que a Filosofia é o campo da dúvida e não da certeza. E que as Ciências com suas medidas rigorosas não conseguiram nenhum lugar para o espírito no maciço material do Universo e no cosmos animal do homem.

Como puderam os estudantes espíritas aceitar tudo isso? E os que não aceitaram plenamente, como puderam se enlear nas sugestões negativas desse curso, partindo para uma pretensa revolução doutrinária que não teve nem podia ter a aceitação que esperavam? A resposta é uma só: falta de formação espírita. Conhecessem realmente a doutrina e nunca se deixariam levar de roldão pelas inquietações do pobre Quixote solitário. A pregação negativa cairia por terra diante das fortalezas espíritas alicerçadas pela lógica de Kardec e pela epopéia das pesquisas espíritas realizadas no próprio meio universitário da Europa, da América, da Ásia e por todo o mundo civiliza-

do. Nenhum jovem bem informado a respeito do Espiritismo se deixaria abalar pelos sofismas do jovem pregador da negação.

Um dos problemas que mais chocaram os jovens espíritas foi o social. Quiseram fazer do Espiritismo uma arma de luta para a transformação social do mundo. Suas intenções eram boas, mas faltava-lhes o conhecimento da visão social do Espiritismo. A revolução social espírita não é periférica. É a continuação da revolução social cristã. Ao contrário das doutrinas sociais que pretendem modificar as estruturas externas, a doutrina espírita procura modificar as bases, os fundamentos dessas estruturas, a partir do homem. Não se pode opor à violência dominante uma violência que pretende dominar. O objetivo espírita é a substituição da violência pelo amor, pela fraternidade humana, pela solidariedade e a compreensão. As leis da evolução, tanto no plano individual, quanto no coletivo, precisam ser respeitadas se quisermos obter resultados verdadeiros. Até os materialistas mais avançados já compreendem isso. Não se dá murros em ponta de faca. A sabedoria popular ensina isso, só nos resta aprender.

*O Livro dos Espíritos* coloca a questão social nos seus verdadeiros termos. Não ignora essa questão nem foge ao assunto. Mostra-nos que vivemos num mundo inferior, em fase inferior de evolução, onde os homens são egoístas e brutais. Mas que estamos evoluindo e atingiremos o momento em que as transformações desejadas se farão. Há comodismo nisso? Haverá comodismo na adaptação dos espíritas a uma forma nova de vida para que o mundo se renove? Há incompreensões, isso sim. Mas as incompreensões decorrem da própria incapacidade que o homem terreno revela para compreender o Espiritismo. Como lutar contra essa situação? Só há um meio: pelo estudo perseverante da doutrina, pelo desenvolvimento dos seus princípios, pela aplicação progressiva desses princípios à vida individual e social.

E como conseguirmos tudo isso sem o desenvolvimento da cultura espírita, que depende, como

toda cultura, do processo de formação das novas gerações através de uma educação adequada, no caso a Educação Espírita? Não teremos um movimento espírita viril, autêntico, seguro de si mesmo, capaz de cumprir a sua tarefa na transformação da Terra, se não cuidarmos primeiro de aprofundar os estudos doutrinários e de organizar a Educação Espírita. Kardec sempre insistiu no problema fundamental da Educação. No livro básico e nas demais obras da Codificação seu pensamento a respeito foi bem esclarecido. Quem ler com atenção o seu trabalho sobre as aristocracias, em *Obras Póstumas*, verá que a sua visão dos problemas sociais era clara e precisa. Não adianta quereremos nos arvorar em reformadores do movimento espírita, que segue a sua marcha na medida da nossa capacidade de compreensão. Só podemos fazê-lo avançar mais depressa avançando nós mesmos no exame aprofundado dos problemas fundamentais da doutrina.

Temos urgente necessidade de um Movimento Universitário Espírita. Não importa se esse movimento estará integrado na USE ou sujeito a qualquer outra forma de organização maciça. O que importa é que ele se fundamente na Doutrina Espírita e não na ilusória fusão de princípios doutrinários com princípios adventícios. Hoje fala-se muito em padronização e unificação. O Espiritismo não é doutrina de padronizações, mas de liberdade de ação para que haja responsabilidade individual e de grupos. Liberdade que tem os seus limites, como toda a liberdade, na amplitude dos conceitos fundamentais da doutrina. Quanto à unificação, só podemos pensar nela em termos de colaboração fraterna, de conjugação de esforços e não de institucionalização autoritária. Ninguém manda nem pode mandar no movimento espírita. Se uma autoridade suprema se estabelecesse estaríamos diante do fracasso do Espiritismo. Lembro-me de uma frase de Emmanuel: "A religião organizada é o cadáver da religião." Podemos dizer o mesmo do Espiritismo, não só em seu aspecto religioso, mas em toda a sua amplitude. O que Kardec propôs na sua *Constituição do*

*Espiritismo* foi uma organização orientadora, capaz de concentrar esforços para a ação em comum. Foi com esse espírito que surgiu a União Social Espírita em São Paulo e não com o sentido de subjugar instituições e submetê-las a uma direção única.

Todos esses problemas só poderão ser esclarecidos quando tivermos criado condições para o desenvolvimento da cultura espírita. Essas condições estão naturalmente subordinadas ao problema da Educação Espírita. Sem ela não poderemos ter a Universidade Espírita, que será a verdadeira reforma universitária pela qual todos clamam. Uma Universidade estabelecida sobre os fundamentos da liberdade espírita. "Onde está o espírito do Senhor, ali também há liberdade", escreveu Paulo aos Coríntios.

Mas assim como a liberdade cristã vinha de Cristo, que nos libertou do jugo da lei, a liberdade espírita vem do Espírito da Verdade, que nos liberta para toda a verdade. Mas não podemos esquecer que o Espírito da Verdade acrescentou um mandamento aos anteriores: "Instruí-vos!" Porque só o conhecimento nos liberta de maneira completa. Conhecendo a verdade estamos livres de todos os jugos exteriores e interiores. Libertamo-nos da coação dos outros e libertamos os outros da nossa coação. Libertamo-nos dos preconceitos e dos temores, porque nos libertamos da ignorância que é escravizante. O ensino livre e a educação livre nos formam para o uso legítimo da liberdade. A escola espírita encaminhará as gerações para o conhecimento global: as Ciências da Matéria e as Ciências do Espírito nela se conjugam para que aprendamos a ser livres.

Acho que não preciso escrever mais nada. O mundo espírita de amanhã só poderá nascer se conseguirmos formar as gerações futuras na liberdade espírita que é o fundamento de toda a responsabilidade. Jovens de formação espírita serão responsáveis perante a doutrina e não se imolarão nas ilusões da cultura acadêmica. Pelo contrário, libertarão essa cultura de suas deficiências, enriquecendo-a com a verdade espírita.

# PSICOLOGIA ESPÍRITA DA EDUCAÇÃO

J. AMARAL SIMONETTI

(Do Grupo Espírita de Estudos  
Pedagógicos — São Paulo)

Assustados com os lineamentos gigantescos da renovação cultural que o Espiritismo nos propõe, com urgência, nesta hora de transição evolutiva do nosso planeta, muitos companheiros pretendem fugir da realidade e escondem a cabeça sob o travesseiro. Como pode ser isso? É o que perguntam de olhos arregalados, como os cientistas do século passado diante dos fantasmas exibidos pela pesquisa de Crookes, Richet, Crawford e outros. Mas os fantasmas não desaparecem. Continuam presentes, convidando-nos a uma invasão de novas e mais amplas dimensões da realidade.

Ninguém certamente pediu a criaturas tão frágeis que se fizessem espíritas. O Espiritismo, como Kardec explicou há mais de um século, é uma *convicção pessoal*, por isso mesmo voluntária, a que ninguém está obrigado por nenhuma confissão religiosa nem forçado por nenhuma catequese salvacionista. Estamos no momento exato em que é preciso dizer de maneira enérgica: Se alguém não se sente bem no Espiritismo, não precisa tremer como vara verde nem pôr a boca no mundo; basta recuar para as tocas sombrias do passado, fechar os olhos e continuar de ouvidos moucos.

É verdade que nem assim deixarão de ouvir, mesmo que de maneira surda e à distância, o ru-

mor estridente dos aviões a jato, dos foguetes espaciais, do rompimento das estruturas envelhecidas de um fim de século em que agoniza em estertores toda uma civilização. Mas o lugar dos medrosos não é outro senão o fundo húmido e ilusório de uma toca, de uma furna escura.

Penso nisso ao abordar este novo tema que fará arrepiar até mesmo a penugem de certas calvas reluzentes. Se falar em Educação Espírita já faz muita gente perder o fôlego e esperar em gritos frenéticos, o que acontecerá quando nos propormos a tratar de Psicologia Espírita da Educação? Já estou ouvindo por antecipação os estertores de alguns líderes de pernas bambas. Deus me perdoe se estas linhas inocentes provocarem algumas desencarnações fora de tempo. A culpa não será minha nem da lei de evolução. Há de ser, por certo, daqueles mesmos que se habilitaram sem competência. Serão casos de suicídio inconscientes, pelos quais ninguém poderá acusar-nos.

### **Mariotti, o provocador**

No caso de não poderem acusar ninguém, e para que não morram essas vítimas de sua própria imprudência sem o consolo de apontar um culpado, lembrarei que o responsável por esta minha abordagem é o eminente Prof. Humberto Mariotti, que nos seus vibrantes artigos para esta revista não teve jamais a menor piedade dessas frágeis criaturas. No seu último trabalho, publicado no número anterior desta revista, Mariotti, o provocador, traçou um programa de ação ameaçador. Não teve meias medidas ao enfrentar o o problema da *Necessidade Espiritual das Ciências da Educação*.

Claro que no rol dessas ciências havia de aparecer a Psicologia Espírita da Educação. E por mal dos pecados o seu magnífico trabalho foi publicado no original castelhano e na tradução portuguesa. Uma calamidade, pois até mesmo os que não sabem ler castelhano tiveram o texto inteiro

do trabalho rigorosamente traduzido. Uma dupla impiedade: a do autor argentino e a do tradutor brasileiro. Um massacre internacional em duas línguas. Os atemorizados da América Espanhola e da América Portuguesa foram atingidos ao mesmo tempo.

De minha parte o golpe será bem menor. Não sairei da nossa língua, última flor do Lácio, inculta e bela, que só falamos entre nós. E só tratarei de um dos tópicos do artigo de Mariotti. Ficarei apenas na premissa n.º 6 do seu artigo (que apresenta dez premissas) aquela que trata da *Teoria Aparencial da Criança*. Uma proposição genial, tão poderosa e ampla que a nossa revista devia ter publicado sob a tarja em vermelho de uma advertência acauteladora: "Proibida a leitura para espíritas menores de 18 anos."

Como não houve essa cautela, sinto-me à vontade para tratar do assunto sem nenhuma restrição etária no campo da maturidade espírita. Mas procurarei abrandar as conseqüências da minha audácia, por mero desengargo de consciência, lembrando que Kardec já tratou (meu Deus, há mais de um século!) do problema da Psicologia Infantil Espírita, em nome dos Espíritos Superiores que lhe mostraram esta coisa inacreditável: que a criança aparece na Terra envergando a *roupagem da inocência*.

Sendo assim — pois se trata de princípio doutrinário — posso também apontar Kardec e aqueles Espíritos Superiores, em particular o Espírito da Verdade, como provocadores e cúmplices de Mariotti. Que os prejudicados, os provocados, ao invés de se queixarem ao bispo, façam o seu protesto perante a Venerável Corte Celestial. Talvez a compaixão dos anjos possa socorrer as aflições dos espíritas atemorizados, dessas frágeis criaturas imaturas que não podem suportar a verdade sem o véu transparente da fantasia.

### **Psicologia Infantil**

A Teoria Aparencial da Criança rasga o último véu da Psicologia da Infância e da Adolescên-

cia, revelando que precisamos enfrentar essas criaturas inocentes com maior realismo. Porque, se elas são inocentes apenas na aparência, escondem a sua realidade íntima nas formas físicas em desenvolvimento, manda a boa lógica que as tratemos com mais desembaraço. É o que, por sinal, já havia feito o próprio Sócrates, cinco séculos antes de Cristo, ao aplicar o seu método pedagógico em jovens e adultos, arrancando-lhes a verdade oculta nas profundezas da alma.

A Pedagogia atual, por sua vez, vem penetrando cautelosamente nesse caminho, de maneira que não há muita razão para o susto de alguns espíritas que alardeiam conhecimentos filosóficos, pedagógicos e psicológicos. Um pouco de leitura de tratados pedagógicos e manuais didáticos, principalmente dos que tratam de métodos pedagógicos, já teria acalmado os nervos dos companheiros assustados. Não estamos sós na arrancada assustadora para o futuro. Temos muitos e excelentes amigos fora do meio espírita. De maneira que as furnas para esconderijo escasseiam rapidamente. Já não somos os únicos a falar de reencarnação, sentido espiritual da Educação e conhecimentos inatos.

A Psicologia Espírita da Infância e da Adolescência, na falta de trabalhadores espíritas, está sendo forjada, com mais lentidão mas de maneira segura, por psicólogos não-espíritas. Conseqüentemente, a Psicologia Espírita da Educação, com base na Teoria Aparencial da Criança, também vai surgindo fora da nossa área de ação. É um poderoso estímulo que nos vem de fora e que devia acalmar os assustados.

Já não podemos mais tratar desse grave assunto dentro dos estreitos limites das idéias e teorias materialistas. Os tempos amadureceram e os gentios estão passando à frente dos filhos de Abraão, antes detentores do privilégio racial e espiritual. O aceleração cultural dos nossos dias avassalou com todos os privilégios do passado bíblico. Somos obrigados a renovar os nossos conceitos sobre todas as coisas e muito especialmen-

te sobre a criatura humana, a partir do mistério da criança.

Não deixa de ser curioso este contraste: é precisamente nos meios espíritas apegados à idéia de que Jesus só foi criança em aparência que surge o pavor à Teoria Aparencial da Criança. Eis outra provocação que nos surge dos próprios fatos. Esse contraste exige um estudo especial para esclarecer-se o motivo psicológico do temor. Segundo o apóstolo Paulo não há razão para fazermos diferenças fundamentais entre a condição de Jesus e a nossa. Até mesmo a ressurreição de Jesus não foi, como vemos na I Epístola de Paulo ao Coríntios, um privilégio divino concedido ao Mestre, um milagre ou coisa semelhante, pois nós todos ressuscitamos. Qual, pois, a razão do assombro dessas criaturas que tanto falam em aparências?

A teoria aparencial é evidentemente a base sobre a qual devemos desenvolver a Psicologia Evolutiva da Criança e do Adolescente e a Psicologia Espírita da Educação. Partindo do que podemos chamar o *fato aparencial*, que decorre da lei da reencarnação, temos de encarar o desenvolvimento infantil como um processo psicológico de afloramento, não só de disposições culturais, mas também de conteúdos. Por trás da aparência de *tábula rasa*, de mente desprovida de qualquer conhecimento — pretensiosa herança do empirismo inglês — sabemos que existem as profundezas da memória espiritual, da consciência subliminar de que tratou Frederic Myers. E apoiados no trabalho modelar de Myers e nas conquistas atuais da Psicanálise e da Parapsicologia, podemos, adicionando a essas contribuições o instrumental espírita, aplicar na educação um novo tipo de *maieutica socrática para arrancar a verdade do fundo do poço*.

O Prof. Humberto Mariotti deixou isso bem claro em seu excelente trabalho. “Por trás de cada criança — escreveu ele — está o Ser com todos os seus graus de evolução palingenésica, pois para a Educação Espírita a infância é apenas

uma etapa fugaz e cambiante e não uma condição permanente, espiritualmente considerada.”

Sugere ainda Mariotti que se promova *um tipo de mediunismo pedagógico*, ou seja, de aplicação dos recursos da mediunidade no campo da educação. Nas escolas espíritas, segundo entendo, a mediunidade seria posta a serviço da *orientação educacional*, contribuindo para esta com os esclarecimentos dos Espíritos Superiores sobre as condições diversas dos educandos, suas possibilidades no tocante às disposições culturais desenvolvidas em existências anteriores.

Mariotti, segundo penso, está encarando possibilidades futuras, mas é claro que essas antecipações teóricas são altamente benéficas, pois prepararam o caminho, como o fazem as hipóteses científicas, para o desenvolvimento mais rápido do trabalho. No momento, o importante é a elaboração da Psicologia Evolutiva da Infância e da Adolescência, logo seguida do trabalho de criação da Psicologia Espírita da Educação. Essas formulações teóricas, recorrentes das conquistas já realizadas pela Doutrina Espírita, em seu aspecto global, irão criar condições para as aplicações práticas previstas por Mariotti, que são válidas e necessárias.

### **Tarefas imediatas**

Parece evidente que ainda não estamos em condições de enfrentar com segurança essas tarefas. Não obstante, elas se apresentam como imediatas, requerendo regime de urgência. Porque a Educação Espírita, como esta revista já demonstrou sobejamente, não é uma pretensão nem um sonho, mas uma realidade presente. A rede escolar espírita no Brasil é um fato concreto. E as escolas espíritas se multiplicam de tal maneira e com tal velocidade que não podemos ficar de braços cruzados ante a solicitação que nos fazem de formulação urgente de estrutura teórica capazes de orientar o ensino espírita com métodos apropriados.

Nossa falta de condições, portanto, decorre de graves deficiências de movimento espírita no campo cultural. Essas deficiências resultam de uma alarmante falta de compreensão da natureza e da finalidade do Espiritismo. No fundo, toda essa situação desastrosa provém da *preguiça mental* já denunciada pelos Espíritos através de comunicações mediúnicas, especialmente das recebidas por Chico Xavier.

Em *Seareiros de Volta*, livro de mensagens recebidas por Waldo Vieira, quando militava ao lado de Chico Xavier, encontramos na página intitulada *A conclusão da pesquisa*, ditada por Ignacio Bittencourt, esta revelação estarrecedora: "...entre todas as causas que dificultam a marcha da Nova Revelação na Terra, destaca-se, em posição de espetacular e doloroso relevo, a *preguiça mental*."

A pesquisa que chegou a essa conclusão amarga foi realizada, segundo o espírito comunicante, por "Excelso Dirigentes do Espiritismo nos planos superiores", que se mostravam intrigados com as dificuldades do avanço necessário da Doutrina em nosso plano. E a conclusão a que chegaram esses pesquisadores espirituais confere visivelmente com o que nos é dado presenciar em nosso meio espírita, dominado pelo comodismo, pela busca de proveitos pessoais, pela indiferença cultural, pela falta de estudo sério e perseverante da Doutrina e — Deus nos acuda! — pela oposição sistemática de certos grupos retrógrados a todas as iniciativas de desenvolvimento cultural do Espiritismo.

Essa revelação explica-nos também as razões ocultas desses grupos. Apegados a pretensos privilégios doutrinários, alardeando posição superior de compreensão da Doutrina e direitos sagrados de liderança, esses grupos se tornaram verdadeiros quistos de comodismo vaidoso, que entravam a marcha da Nova Revolução a pretexto de velar pela sua pureza.

Não tivemos, assim, oportunidade para criar em nosso meio um ambiente cultural capaz de nos

dar, neste momento, os especialistas de que necessitamos para a realização das tarefas urgentes que nos solicitam por todos os lados. Já é tempo de reagirmos contra essa situação aviltante. Espiritismo é cultura em marcha, civilização nova em perspectiva. Temos de criar condições para acordar os preguiçosos, sacudir os sonolentos, desmascarar os *analfabetos ilustres*, os demagogos que só sabem pavinear-se nas tribunas e nas publicações reacionárias. Temos de acabar com a praga da preguiça mental, hipocritamente disfarçada em modéstia, falta de recursos e outras desculpas descabidas. Precisamos estudar, queimar as pestanas, pesquisar, construir a Cultura Espírita em nossa terra. Ou faremos isso ou nada mais seremos do que beatos de um novo tipo, esperando de joelhos que o Céu faça por nós o que temos de fazer por nós mesmos.

## BOM-SENSO E CONTRA-SENSO

J. HERCULANO PIRES

(Do Instituto Brasileiro de Filosofia)

As coisas têm sentido, não têm sentido algum ou têm contra-sentido. É assim que entre o senso e o contra-senso existe o abismo do disparate ou da loucura. Kardec fez do bom-senso, que é o senso na sua expressão mais apurada e legítima, uma categoria da Filosofia Espírita. E Flamarion, como sabemos, proclamou em Kardec o bom-senso encarnado. Para Kardec o Espiritismo poderia ser definido simplesmente como uma questão de bom-senso.

Vejamos um dos seus tópicos a respeito, que figura na introdução de *O Livro dos Espíritos*: "Pode-se ter muito espírito e até mesmo muita instrução e não se ter bom-senso. Ora, o primeiro indício da falta de senso é a crença na própria infalibilidade."

Para Descartes, como vemos no seu *Discurso do Método*, o bom-senso é a coisa mais bem repartida do mundo. Todos possuem bom-senso e podem usá-lo. Mas o que distingue os sensatos dos insensatos é o mau uso que estes fazem da sua dose de bom-senso. E é bom lembrar que Descartes foi um precursor de Kardec no campo filosófico, pois se dizia inspirado pelo Espírito da Verdade. E que realmente o era, a sua própria obra o comprova.

Walter Blumenfeld realizou um estudo analítico do sentido, do sem-sentido e do contra-senti-

do que tanto tem aplicação na Lógica, quanto na Psicologia e na Religião. Aplicando as conclusões de Blumenfeld ao Espiritismo e particularmente ao movimento espírita contemporâneo, vemos como Kardec tinha razão ao estabelecer o fundamento do bom-senso como método da investigação espírita. Sem esse fundamento não há Espiritismo.

Podemos dizer, sem medo de errar, que o motivo de todas as confusões, desentendimentos e falta de compreensão doutrinária que nos afligem decorre apenas do mau uso do senso. Todos possuímos bom-senso e deveríamos estar de acordo sobre as questões fundamentais da Doutrina. Mas não estamos porque nem todos usamos devidamente o nosso bom-senso.

### **Motivos do mau uso**

Certas pessoas entendem que o mau uso do bom-senso tem por motivo a ignorância, a falta de cultura. Mas Kardec já advertiu, como vimos acima, que se pode ter muito espírito e até mesmo muita instrução e não se ter bom-senso. A palavra *espírito*, em Francês, significa inteligência e também agudeza mental, sensibilidade, bom humor, como em Português. Kardec parece tê-la aplicado em todos esses sentidos, no caso acima. Pode-se ter muita sagacidade e não se ter bom-senso na sua utilização. A instrução, a erudição, a cultura também não são preservativos do bom-senso. Há muita gente culta e inteligente que não compreende o Espiritismo, como assinalou Kardec, enquanto pessoas incultas e humildes o aceitam com uma compreensão admirável.

Os motivos principais do mau uso do bom-senso foram apontados por Descartes. São o preconceito e a precipitação. Um materialista ou um religioso inteligente e culto rejeitará o Espiritismo *a priori* em virtude do preconceito científico ou do preconceito religioso. Nos dois casos o preconceito decorre do dogma. O julgamento apriorístico é um julgamento precipitado. Des-

sa maneira a precipitação é desencadeada pelo preconceito.

Foi por isso que Jesus considerou os pobres de espírito como bem-aventurados. Não dispondo de inteligência cultivada, as criaturas humildes e simples estão livres dos preconceitos culturais, sejam eles de ordem científica, filosófica ou religiosa. Porque a própria religião dos simples é mais uma crença do que uma religião. É mais fácil uma criatura simples aceitar a evidência dos fatos do que uma inteligência enredada em princípios.

Dizendo isto devemos lembrar que por trás dos princípios existem ainda alguns elementos que lhes servem de base. Esses elementos são psicológicos e podem ser definidos como a vaidade e o orgulho, de cuja fusão resulta o personalismo. Todos temos e devemos ter personalidade, que é a nossa característica individual ou pessoal. Mas o personalismo é o que podemos chamar de *personalite*, uma espécie de infiltração da personalidade, de inchaço produzido pelos vírus da vaidade e do orgulho.

A *personalite* afeta a mente, fechando-a no casulo do orgulho, e perturba a razão, descontrolando o raciocínio com o veneno da vaidade. É esse o quadro clínico da falta de senso. E quando essa situação se define a criatura humana cai nas garras da fascinação. Porque os espíritos preconceituosos se afinam com ela e facilmente a dominam. A fascinação, como explica *O Livro dos Médiuns*, tira à pessoa a capacidade de julgar. Afetado o juízo, estamos no plano patológico. O mau uso do bom-senso se transforma em doença.

Basta examinarmos as atitudes, as palavras, os escritos das pessoas atingidas pela fascinação para encontrarmos um verdadeiro redemoinho de contradição e de absurdos, o que vale dizer de contra-senso. A vaidade e o orgulho se materializam aos nossos olhos. O fascinado se arroga sempre o direito absoluto de condenar os outros, de repudiar as iniciativas alheias e de considerar-se o único dotado de bom-senso e de sabedoria,

o único detentor da verdade. No meio espírita é fácil diagnosticarmos a fascinação. E esse diagnóstico é bom para nos alertar quanto ao perigo da fascinação, pois todos nós possuímos, ao lado da dose de bom-senso que Deus distribuiu igualmente para todos os seus filhos, a dose de vaidade e de orgulho que nós mesmos criamos com a matéria prima do nosso egocentrismo.

## O remédio

O remédio certo da fascinação está num pequeno livro que se chama *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Temos de aplicar esse remédio aos fascinados. Mas não podemos aplicá-lo com êxito sem primeiro o haver tomado e assimilado. Assim, a consulta constante a esse livro, a meditação sobre os seus tópicos luminosos, sobre as suas páginas carregadas de bom-senso — eis o preventivo da fascinação que devemos usar.

Logo na introdução desse livro Kardec coloca o problema do bom-senso no tocante aos Evangelhos de Jesus. E com que admirável bom-senso o faz! Divide a matéria dos Evangelhos em cinco partes, deixa quatro de lado e se aplica os estudos de apenas uma parte: *o ensino moral*. As pessoas que querem saber demais, avançar além das outras, colocar-se na posição de rabinos espíritas, não se conformam com isso. Acham que Kardec errou, não foi capaz de interpretar os Evangelhos, versículo por versículo, e saiu pela tangente, apegando-se apenas “a um pedaço”, como costumam dizer. Falta-lhes bom-senso para compreender a explicação clara de Kardec e partem para as aventuras da curiosidade vaidosa, mergulhando de cabeça em mistificações ridículas.

Os Evangelhos foram escritos em épocas e locais diversos, mais de quarenta anos após a crucificação. Cada evangelista agiu como um escritor independente, cada qual desenvolvendo o mesmo tema à sua maneira e de acordo com os dados que possuía, sujeito às influências do meio cultural em que se encontrava. Impossível haver coerência absoluta nesses relatos. Mas um mila-

gre se deu: no ensino moral de Jesus a coerência é perfeita.

Kardec não recorreu aos evangelistas para vi-rem esclarecer dúvidas e modificar os textos, porque os Evangelhos, apesar de suas deficiências humanas, haviam revelado durante quase dois milênios um conteúdo divino que difundiu o Cristianismo no mundo. Se em todo esse tempo a Espiritualidade Superior não achou necessário nem conveniente alterar o trabalho dos evangelistas, não seria um homem terreno que iria então provocar modificações segundo o seu precário entendimento. Na sua humildade e no seu bom-senso, Kardec, limitou-se a ressaltar a essência divina dos Evangelhos e com isso reafirmar o valor espiritual dessas páginas de amor e abnegação dos evangelistas.

Por outro lado, Kardec não pôs em dúvida as informações dos evangelistas sobre a natureza de Jesus. Respeitou sobretudo a indignação com que eles refutaram, nas epístolas, como o referendo posterior da elevada autoridade espiritual de Paulo, as tentativas mitológicas de desfigurar essa natureza ao mesmo tempo humana e divina. Por isso não vemos em Kardec a pretensão vaidosa de obter dos Espíritos Superiores um evangelho reformado ao gosto dos seus preconceitos, sob o risco da sua precipitação.

Os pesquisadores do Cristianismo, desde Renan até Guignebert — este em nossos dias — são unânime em afirmar, através da pesquisa histórica, que os Evangelhos tiveram sua origem entre os familiares e discípulos de Jesus. A elaboração posterior de cada um deles, segundo as comunicações superiores, foi amparada pelo Alto. Se o Alto respeitou as condições pessoais de cada evangelista no seu trabalho, como poderia Kardec tentar, depois de tanto tempo, violar esse respeito a pretexto de esclarecer dúvidas pessoais sem nenhum fundamento, nem histórico nem lógico?

O critério de Kardec foi um exemplo de bom-senso. Querem alguns especuladores levantar o problema dos Evangelhos Apócrifos, acusando a

Igreja de os haver renegado em proveito de sua dogmática. A pesquisa histórica universitária, independente de qualquer sectarismo igrejeiro, é também unânime em afirmar, com base no exame objetivo dos documentos antigos, que os Evangelhos Apócrifos apareceram muito depois dos Evangelhos canônicos e são apenas deformações ridículas, cópias desfiguradas e sem nenhum valor, dos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João.

Diante dessa situação, nenhuma criatura de bom-senso se atreveria a forçar Espíritos Superiores a virem subverter a verdade evangélica com informações inverificáveis e evidentemente suspeitas. A III Revelação, já formulada através de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*, e rigorosamente mantida dentro das normas do bom-senso, não alterava nem autorizavam qualquer alteração nos textos milenares da Revelação Cristã. Os evangelistas que espontaneamente se manifestaram, contribuindo para a elaboração de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, limitaram-se a comentar os preceitos morais dos Evangelhos, ajudando os homens na mais profunda compreensão dos mesmos. Se tivessem uma revolução a realizar não iriam esperar pela solicitação de um pobre convalescente de grave enfermidade, aturdido pelos primeiros lampejos da revelação espírita. E se acaso o fizessem não seria à margem da obra de Kardec e à revelia de todas as normas do bom-senso.

Ou entendemos isso ou não entenderemos nada e continuaremos a aceitar todas as fantasias e todas as incoerências que nos chegam através da mediunidade, num mundo em que a verdade só agora começa a triunfar, com muita dificuldade, sobre a ilusão, a mentira e a sagacidade dos homens e dos espíritos inferiores. O bom-senso nos diz, de maneira incontestável, que só a leitura e o estudo humilde e sincero de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* pode livrar-nos da fascinação dos espíritos enganadores. O remédio é esse. E quem o tomar se livrará do personalismo doentio,

da *personalite* aguda no trato com os Espíritos e os problemas espirituais.

### As partes excluídas

Examinemos rapidamente as quatro partes excluídas por Kardec do seu livro de interpretação evangélica:

1) *Os atos comuns da vida do Cristo* — Quando confrontamos os Evangelhos no tocante a esse aspecto as contradições dos evangelistas saltam à vista. Muitos estudiosos chegaram à descrença por esse motivo. Nada mais natural, entretanto, do que essa disparidade, quando sabemos que cada evangelista estava condicionado pelas informações que possuía e pela sua maneira pessoal de encarar a vida do Mestre. Sabemos que os três Evangelhos sinópticos decorrem de duas fontes únicas: as *Lógia*, anotações de sentenças das pregações de Jesus, feitas durante a sua vida, e o Proto-Evangelho de Marcos, também chamado Urm-Marcos. Mas essa origem comum não exclui as influências temporais e locais que incidiram na redação de cada Evangelho.

Os atos comuns da vida de Jesus não foram escritos por ninguém no tempo devido. Não houve nenhum registro cronológico desses atos. Tudo ficou na dependência da memória de alguns e conseqüentemente ao sabor de pontos-de-vista pessoais. Querer que esses relatos muito posteriores, feitos à distância uns dos outros, no tempo e no espaço, coincidissem perfeitamente, seria desconhecer as deficiências naturais da condição humana. Seria absurdo. Por isso Kardec os deixou de lado no estudo e na exposição da essência do Evangelho.

2) *Milagres* — Kardec tratou mais tarde dos milagres em *A Gênese*. Os próprios Evangelhos declaram que os milagres relatados são apenas uma pequena parte dos muitos fatos excepcionais ocorridos com Jesus. As contradições e disparida-

des nos relatos ocorrem também com eles. Seu interesse é relativo, pois fatos dessa natureza, segundo demonstra o Espiritismo, sempre ocorreram no mundo. Os milagres, que na verdade não passam de fatos mediúnicos, servem apenas para atestar os poderes espirituais de Jesus. Querer explicá-los de novo, interpretá-los através de hipóteses imaginosas, seria trabalho puramente especulativo, como o próprio Kardec exemplificaria mais tarde em virtude apenas de sua relação com as fatos espíritas. Querer dar-lhes uma nova feição, por meio de relatos mediúnicos, seria tentar a correção dos textos evangélicos através de revelações fora de tempo e na verdade inverificáveis. Tudo quanto se explicou posteriormente sobre eles através de processos mediúnicos não tem nenhum valor probante. Muitas explicações são simplesmente ridículas. O bom-senso de Kardec não incidiria nisso.

3) *Profecias* — Foram também posteriormente tratadas em *A Gênese*. É inegável a importância das profecias evangélicas, feitas por Jesus, que revelam outro aspecto das suas faculdades paranormais. Como no caso dos milagres, nada têm de sobrenatural e pertencem ao campo dos fenômenos mediúnicos. Com isso não queremos dizer que Jesus fosse um médium na acepção comum da palavra. Suas faculdades eram evidentemente superiores, em relação com a sua elevação espiritual. Por outro lado é preciso lembrar que a mediunidade abrange os fenômenos anímicos e não só os mediúnicos propriamente ditos. O médium de grande pureza e elevação pode agir através dos seus poderes pessoais. Nesse caso não temos a intervenção de espíritos estranhos mas a ação do próprio espírito do médium, que *dá passagem*, através do seu corpo, aos poderes latentes da sua natureza espiritual.

Mas no caso dos relatos evangélicos é necessário considerar também a possibilidade de interpretações pessoais dos evangelistas, sempre ansiosos para justificar a natureza messiânica de Jesus. Nos episódios históricos dos Evangelhos certas passa-

gens foram identificadas pela pesquisa científica como referente a tempos anteriores ao seu próprio nascimento, como no caso do recenseamento determinado por Quirino, que o teria levado a nascer em Belém. O arranjo, certamente involuntário ou produzido inconscientemente por discípulos mal informados sobre a História, infiltrou-se na tradição e foi aceito com entusiasmo pelos evangelistas. Assim também os aspectos mitológicos do Natal. Era necessário enquadrar Jesus nas profecias bíblicas para que fosse aceito como o Messias. Veja-se, por exemplo, o problema das genealogias contraditórias de Jesus, que pretendiam fazê-lo filho de Davi.

Kardec tinha razão ao afastar esses problemas de um livro cuja finalidade, segundo a sua própria explicação, era oferecer aos homens em geral, sem distinção de culto religioso, o código moral do Evangelho. O método rigoroso que estabelecera para a elaboração dessa obra, sob inspiração e orientação dos Espíritos Superiores, não permitia a inclusão no livro de assuntos sujeitos a controvérsias. Uma providência do bom-senso, que o contra-senso de outros não levaria em conta.

4.º) *As palavras que serviram para o estabelecimento dos dogmas da Igreja* — Palavras e expressões alegóricas que foram transformadas em dogmas, como a do cordeiro que tira o pecado do mundo, as da ceia sobre o pão e o vinho, e assim por diante. O sacrifício do cordeiro para tirar pecados era prática judaica e suas raízes vinham da mais alta Antigüidade. O pão e o vinho pertenciam a práticas generalizadas nas religiões antigas e sua procedência é mitológica. Também essas expressões não podiam figurar do código moral. Todas essas quatro partes do texto dos Evangelhos teriam forçosamente de ser postas de lado por uma questão de método e bom-senso. O contra-senso não entendeu esse critério lógico e considerou a exclusão dessas partes como uma falha da interpretação evangélica de Kardec. Essa a razão da aceitação de interpretações globais e minuciosas dos Evangelhos e da vida de Jesus,

com desprezo para o rigor metódico de Kardec. Ignorância dos problemas históricos, falta de compreensão da natureza do Espiritismo, desejo vaidoso de superar o codificador, são esses os elementos que geraram obras posteriores, inteiramente desprovidas de bases metodológicas sensatas. Coube ao preconceito e à precipitação a tarefa de levar essas obras à aceitação de pessoas inteligentes e cultas, mas desprovidas de bom-senso, que acabaram caindo no plano inclinado da fascinação. Uma vez nesse plano a capacidade crítica dessas pessoas foi afetada e elas não puderam ver o emaranhado de contradições em que se enredavam.

### O antídoto cultural

A única maneira de se combater eficazmente a situação criada no meio espírita por essas mistificações é darmos o mais amplo desenvolvimento à cultura espírita. Se a cultura acadêmica, com seu dogmatismo agnóstico ou religioso, pode criar condições para o desenvolvimento do contra-senso, como já vimos acima, a cultura espírita, pelo contrário, só favorece o desenvolvimento do bom-senso. Isso porque o Espiritismo não é uma doutrina feita e fechada em si mesma, mas uma doutrina aberta a todas as possibilidades de renovação.

Quando pudermos dar aos espíritas uma formação espírita completa, através de um processo dinâmico de Educação Espírita, o conhecimento aprofundado da Doutrina e de seus rigorosos princípios metodológicos afastará do nosso meio o perigo das fascinações, senão individuais, pelo menos coletivas. Não será possível, num meio espírita realmente esclarecido, a propagação das fascinações individuais. Não haverá condições para a formação de grupos espíritas fascinados por falsas doutrinas de espíritos mistificadores. Isso embora a fascinação individual ainda possa existir, pois depende em primeira instância das condições egocêntricas deste ou daquele indivíduo entregue por si mesmo à provação da *personalite*.

Mas esse indivíduo será facilmente reconhecido pela maioria esclarecida e o seu poder de contágio estará limitado pelo bom-senso geral.

O problema da Educação Espírita impõe-se, portanto, como o mais urgente do momento espírita que estamos vivendo. Por isso Emmanuel acentuou, na entrevista que foi publicada no número 4 desta revista, a importância e a urgência da Educação Espírita no Brasil, particularmente no tocante aos cursos de Espiritismo de nível universitário. Esses cursos, oferecendo aos jovens, e até mesmo aos adultos, uma visão coerente e aprofundada do Espiritismo, em seu sentido eminentemente cultural, afastarão do nosso meio os resíduos do preconceito religioso que ainda mantêm tanta gente presa aos elementos mágicos do passado, enraizados no inconsciente individual e no inconsciente coletivo. A impregnação mágica do psiquismo inconsciente determina o predomínio do contra-senso nas atitudes conscientes de indivíduos e grupos. Essa impregnação desaparece na proporção em que a cultura espírita supera o obscurantismo do passado, determinado por fatores emocionais. O racionalismo-afetivo da cultura espírita, em que razão e emoção se conjugam na compreensão da realidade dialética de matéria e espírito em interação, elimina os resíduos mágicos e suas manifestações mitológicas.

A Educação é o laboratório vivo da Cultura. É nela que a Cultura se elabora e através dela é que se transmite às novas gerações. O que Dewey chamou de reelaboração da experiência é a própria elaboração da Cultura que se processa de maneira contínua, permanente, através da Educação. Por isso não podemos querer uma Educação Espírita autônoma, desligada do contexto cultural em que vivemos. As escolas espíritas complementam o currículo de matérias do ensino oficial com as contribuições novas do Espiritismo. Esse processo não é uma novidade, pois na verdade sempre se realizou. A Cultura Cristã nasceu das entranhas da Cultura Pagã e da Cultura Judaica em sua interação no Império Ro-

mano. A Cultura Espírita, como Kardec previu, é o desenvolvimento da Cultura Cristã, em sua interação atual com a Cultura néo-Pagã da Era Científica, rumo à Era do Espírito.

As reações obscurantistas de hoje no próprio seio do movimento espírita não são também novidade. A escola cristã teve de lutar, no seu desenvolvimento, com os obscurantistas que se apeçavam a um fidelismo fanático, sustentando o princípio anti-cristão da fé pela fé. O Cristianismo é eminentemente racional e o Espiritismo é o seu desenvolvimento histórico. Os próprios Evangelhos atestam a posição racional-afetiva de Jesus, combatendo o fideísmo judaico e o irracionalismo mitológico. A Idade Média, como Dilthey demonstrou, foi o caldeirão em que os elementos cristãos e pagãos se fundiram na forma nova do racionalismo renascentista. E a Renascença marcou o início da Era da Razão, em que deveria crescer e por fim desabrochar a Era do Espíritó. Porque a Razão é a carta de emancipação do espírito ante a escravidão do homem submetido ao domínio do irracional, preso na engrenagem instintiva das civilizações totalitárias do passado.

### Visão Cósmica

A Grécia clássica foi uma abertura para o futuro no mosaico do mundo imperial antigo. Ao contra-senso das estruturas políticas e militares absorventes — tão esmagadoras como as tribos selvagens, segundo o demonstrou Denis de Rougemont — Atenas opunha o bom-senso filosófico e estético do indivíduo na reivindicação de sua personalidade. A semente da Razão germinou e cresceu na democracia ateniense e foi esmagada pela brutalidade das legiões romanas. Mas a semente triturada renasceu em Roma, como Osíris esquarterado ressuscitou no Egito. E a fusão da Cultura Greco-Romana com a Cultura Judeu-Cristã fez renascer em Paris a República de Atenas.

A França liderou a formação do novo mundo pós-renascentista, o mundo moderno, carregado de promessas que iriam produzir a safra de idéias

novas do mundo contemporâneo. A colheita se fez pelas mãos de um ceifeiro que se chamou Allan Kardec, um celta redivivo que trazia no espírito a contribuição das Gálias Druídicas para a Era do Espírito.

Estamos agora no limiar da Era do Espírito e Kardec preside ao advento de uma nova civilização. Rasga-se aos olhos do homem a Visão Cósmica que lhe confirma o sentido da promessa de Jesus: "Na casa de meu pai há muitas moradas." Os mortos ressuscitam, os paralíticos andam, os cegos vêem. A Humanidade descobre a sua natureza cósmica. As palavras de Paulo ecoam como um toque de alvorada, uma clarinada universal: "Somos herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo." Nada temos a temer e compreendemos a pergunta profética do apóstolo: "Onde está, ó morte, a tua vitória?"

Este é o grande momento do salto da Terra no infinito, para a sua integração no concerto dos mundos. Nenhuma fascinação das trevas poderá deter a ascensão do planeta. Mais cedo ou mais tarde estaremos em comunicação com mundos insuspeitos que nos ajudarão na grande escalada. Abrem-se as rotas estelares. O bom-senso de Kardec nos mostra a unidade das coisas, dos seres e dos mundos. Não se trata de uma visão mística, mas de uma visão cósmica, objetiva, racional, que nos liberta dos velhos condicionamentos. Acordemos para essa realidade evidente, fechemos os ouvidos às fábulas antiquadas, aprendamos a lição do Evangelho e transmitamo-la às gerações vindouras através da Educação Espírita. Não há mais tempo a perder. Os tempos se aceleram.

# EDUCAÇÃO ESPÍRITA

## UM VEÍCULO DE CULTURA

Se você sabe que o Espiritismo é Ciência, Filosofia e Religião — uma nova cultura destinada a renovar o mundo — ajude esta revista no seu trabalho de renovação.

FAÇA UMA ASSINATURA PARA VOCÊ  
E GANHE OUTRA DE GRAÇA  
PARA PRESENTEAR UM AMIGO!

Esta revista não tem finalidade comercial. Ajude-nos a mantê-la, melhorá-la, divulgá-la. Precisamos de você!

Criada e dirigida pelo

*GRUPO ESPÍRITA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS*

Editada e distribuída pela

 **EDICEL**

EDITORA CULTURAL ESPÍRITA LTDA.

Rua Genebra, 122 — CEP 01316

Fone: 36-2273 — São Paulo, SP

Publicação semestral — só dois números por ano  
— até que você nos ajude a publicá-la mais vezes.

Você pede uma assinatura à EDICEL e só paga ao receber cada exemplar, que lhe será enviado pelo reembolso postal. Paga um exemplar de cada vez, mas recebe dois para oferecer o outro a um amigo ou a uma instituição.

---

(Para fazer sua assinatura, preencha o verso desta máquina ou com letra legível, coloque dentro de um envelope com o endereço da EDICEL e pronto!)

A  
EDICEL  
Editora Cultural Espirita Ltda.  
Rua Genebra, 122 — CEP 01316  
Fone: 36-2273 — São Paulo, SP

Autorizo a editora supra a me remeter pelo reembolso postal, os novos números da revista **EDUCAÇÃO ESPÍRITA**. Esta autorização é válida até ordem em contrário de minha parte.

Nome: .....

Endereço p/ correspondência:

.....  
CEP .....

Bairro: ..... Fone: .....

Residência: .....

.....  
CEP .....

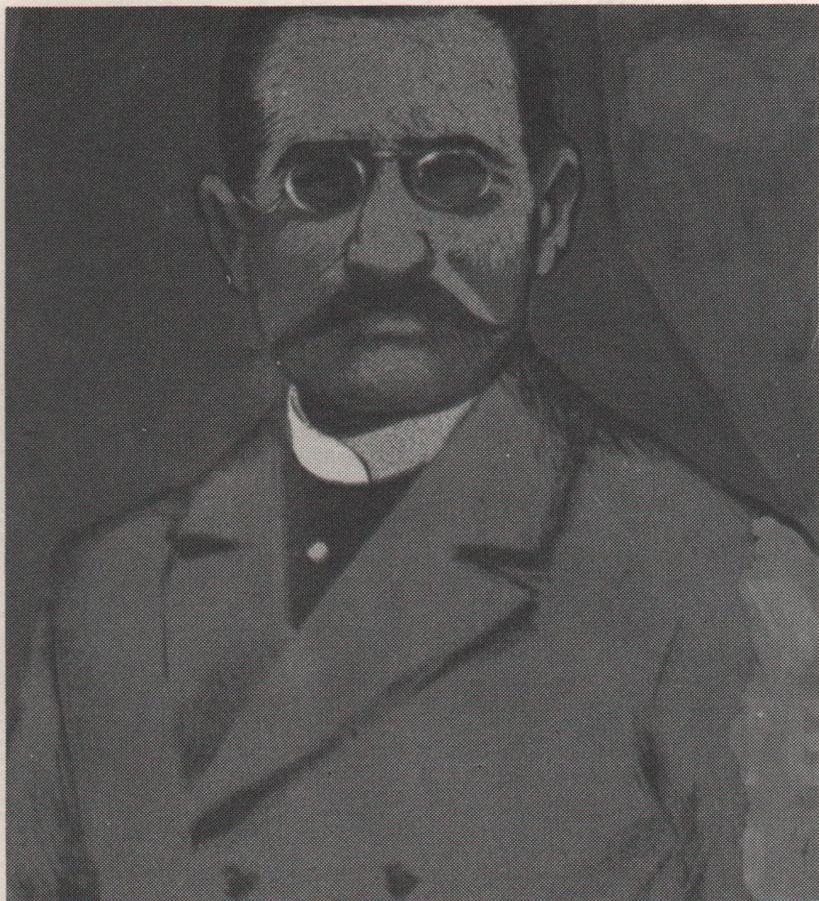
Bairro: ..... Fone: .....

Nascido aos ..... / ..... / .....

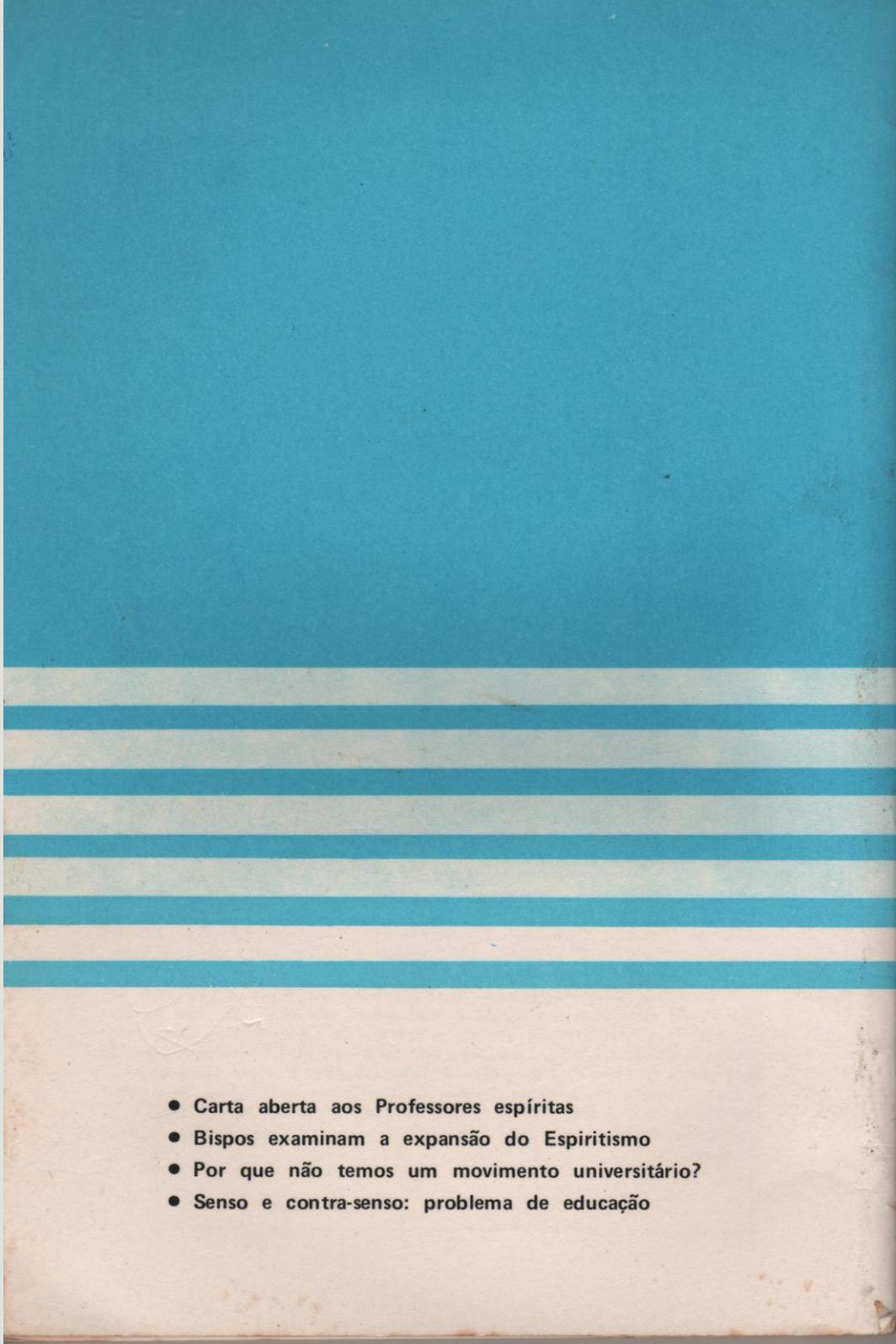
Em ..... Est. ....

São Paulo, .... de ..... de 19....

.....  
assinatura



*LEON DENIS* foi o sucessor de Allan Kardec na orientação do movimento espírita mundial. Nascido a primeiro de janeiro de 1846, na Lorena, filho de um ferroviário, desencarnou em Tours, antiga capital da Tourraine, onde viveu a maior parte de sua vida. É considerado o consolidador do movimento espírita na Europa e o filósofo-poeta do Espiritismo. A Federação Espírita do Estado de São Paulo inicia o ano de 1974 realizando em sua sede um curso, no mês de janeiro, sobre a vida e a obra de Léon Denis. Com esse título, a EDICEL lançou em São Paulo a biografia de Denis escrita pelo poeta francês Gaston Luce. Prestamos aqui a nossa homenagem a esse "druida da Lorena", como Conan Doyle o chamou. Seu guia espiritual era o Espírito Azul, que mais tarde se identificou e a quem ele dedicou um dos seus livros mais belos: *Joana D'Arc Médium*.

- 
- Carta aberta aos Professores espíritas
  - Bispos examinam a expansão do Espiritismo
  - Por que não temos um movimento universitário?
  - Senso e contra-senso: problema de educação